



<http://www.unifafibe.com.br/revistaletrasfafibe/>

ISSN 2177-3408

LUCIANO CAMPANHARO BETINI

**EFEITOS DE SENTIDOS CAUSADOS PELA APLICAÇÃO DE
ADJETIVOS EM TEXTOS NARRATIVOS ESCOLARES NO
ENSINO MÉDIO**

**BEBEDOURO – SP
2013**

LUCIANO CAMPANHARO BETINI

**EFEITOS DE SENTIDOS CAUSADOS PELA APLICAÇÃO DE
ADJETIVOS EM TEXTOS NARRATIVOS ESCOLARES NO
ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado ao Centro Universitário Unifafibe como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras (Espanhol e suas respectivas literaturas).

Orientador: Prof. Dr. Rinaldo Guariglia

**BEBEDOURO – SP
2013**

BETINI, Luciano Campanharo

Efeitos de sentidos causados pela aplicação de adjetivos
em textos narrativos escolares no ensino médio / Luciano
Campanharo Betini. --Bebedouro: Unifafibe, 2013.

65 f.; 29,7 cm

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras
(Espanhol e suas respectivas literaturas) – Centro Universitário
Unifafibe, Bebedouro, 2013.

Bibliografia: f. 63-64

1. Adjetivo. 2. Argumentação. 3. Linguística.
- I. Título.

LUCIANO CAMPANHARO BETINI

**EFEITOS DE SENTIDOS CAUSADOS PELA APLICAÇÃO DE
ADJETIVOS EM TEXTOS NARRATIVOS ESCOLARES NO
ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado ao Centro Universitário Unifafibe como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras (Espanhol e suas respectivas literaturas).

Orientador: Prof. Dr. Rinaldo Guariglia

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador : Prof. Dr. Rinaldo Guariglia
Centro Universitário Unifafibe – Bebedouro-SP

Membro Convidado: **Prof. Ms. Mateus Cruz Maciel de Carvalho**
Centro Universitário Unifafibe – Bebedouro-SP

AGRADECIMENTOS

Os meus mais sinceros agradecimentos são primeiramente a Deus, por ter me dado força de vontade para concluir minha monografia e de em três anos ter adquirido muito conhecimento e experiências para como professor de Língua Portuguesa, Espanhol e suas respectivas literaturas. Com isso aprendi a ser maduro, passei a ter um vocabulário mais sofisticado, acadêmico e outra visão em fazer análises. Momentos de grande experiência que levarei pro resto da minha vida.

Agradeço também meus pais, Sebastião Bettini e Maria Zilda Campanharo Betini por terem me dado a oportunidade de estudar durante esses três anos, sempre colaborando para o que eu precisasse, cobrando bons resultados nos semestres e dando apoio em todos os momentos que precisei. Agradeço ao meu irmão Alexandre Campanharo Betini e minhas avós Maria Dirce Sciarra Campanharo e Nélia Moretti Bettini, o apoio que eles tem me dado e sempre acreditando no meu potencial.

Aos meus amigos que também me deram forças para que eu continuasse firme e que eu venceria mais uma etapa da minha vida. Em especial meus amigos de classe, Mariana Barbosa, Brenda Ângelo Ramos, Ana Luiza Moreira Targa, Beatriz Baffi e Rafaela Doná, passamos por vários momentos, fazendo trabalhos, seminários juntos, também os passeios, brincadeiras, intimidades, deixaram os meus dias na faculdade e também os finais de semana mais divertidos. E a todos os outros amigos da classe que também estiveram ao meu lado.

Ao meu orientador Prof. Dr. Rinaldo Guariglia, agradeço de coração toda a disposição que cedeu para orientar minha monografia, super dedicado, sempre presente para te ouvir, apoiar e acima de tudo super justo, dando forças e sempre com muita paciência. E a todos os outros professores, a coordenação, por ter nos transmitido todo o conhecimento, confiança e fazendo com que nosso curso sempre fosse de excelente nível.

Por fim, quero agradecer aos alunos da E.E. Anselmo Bispo dos Santos que colaboraram com a realização das redações para o estudo da minha monografia, fazendo com seriedade e dedicação a tarefa que foi proposta. Aos professores, diretores, funcionários, coordenadores das escolas que trabalhei- E.E. Anselmo Bispo dos Santos e E.E. Dr. Elísio de Castro, pela oportunidade de trabalho, realizações dos estágios e fazendo com que eu pudesse adquirir mais conhecimentos, amadurecimento e muita experiência para o meu profissionalismo.

“O adjetivo, quando não dá vida, mata.”

(Vicente Huidobro)

RESUMO

Este estudo pretende analisar a aplicação de adjetivos em textos narrativos escolares no Ensino Médio, buscando os efeitos de sentidos que estes trarão para o leitor. Como esta classe de palavra é estudada- sua função gramatical e textual, citando suas características e investigando assim, se as redações dos alunos ficaram mais subjetivas ou objetivas pela quantidade e qualidade dos adjetivos. Analisaremos parcialmente o gênero narrativo, definição, caracterização e aplicabilidades. Serão analisados dois textos de cada aluno escolhido, do terceiro ano do ensino médio. Haverá intervenção, ou seja, farão um texto antes da explicação sobre adjetivos e outro texto após a explicação. Esses dois textos serão comparados, analisando que a intervenção ajudou-os na construção do segundo texto. Este estudo está centrado na Linguística da Enunciação e o corpus de pesquisa é composto por confecções de redações narrativas de alunos do terceiro ano do Ensino Médio.

Palavras-chave: Adjetivos. Efeitos de sentidos. Subjetividade. Objetividade. Características. Redações Narrativas.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo analizar el uso de los adjetivos en los textos narrativos estudiantes en la escuela secundaria, en busca de los efectos que estos sentidos traen al lector. Como se estudia esta parte de la palabra, su función gramatical y textual, citando sus características e investigando las redacciones de los estudiantes, si eran más subjetivos o objetivos por la cantidad y calidad de los adjetivos. Analizar parcialmente el género narrativo, el escenario, caracterización e aplicabilidad. Vamos a analizar dos textos de cada alumno elegido, del tercer año de la escuela secundaria. Habrá una intervención, es decir, será producido un texto antes de la explicación de los adjetivos y otros textos a partir de la explicación. Estos dos textos se compararán mediante el análisis de la intervención, se les ayudará en la construcción del segundo texto. Este estudio se centra en la Gramática de la Lengua Portuguesa y la investigación del *corpus* se compone de confecciones de redacciones narrativas de estudiantes del tercer año de la escuela secundaria.

Palabras - clave: Adjetivos. Efectos del sentido. Subjetividad. Objetividad. Características.

Redacciones narrativas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 CONCEPÇÕES TEÓRICAS SOBRE O ADJETIVO	11
1.1 Estudo do adjetivo: função gramatical e função textual	11
1.1.1 Função Gramatical	11
1.1.2 Função Textual.....	13
1.1.3 Adjetivos no texto: Quantidade e Qualidade	16
1.1.4 Texto Narrativo: Definição, caracterização e aplicabilidades	17
1.1.5 Exemplificação: Análise de textos narrativos segundo a aplicação quantitativa e qualitativa de adjetivos.....	19
1.1.6 Efeito de sentido: A visão da análise do discurso	28
2 ANÁLISE DO <i>CORPUS</i> : REDAÇÕES NARRATIVAS DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	64

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa de campo da área da Linguística da Enunciação investigará os efeitos de sentidos causados pela aplicação de adjetivos em textos narrativos escolares no ensino médio. Abordaremos o efeito de sentido pelo viés da subjetividade. A pesquisa de campo será feita com alunos do ensino médio.

Promoveremos um estudo sobre o uso de adjetivos em textos narrativos, mostrando o que são adjetivos, os efeitos e as emoções que estes adjetivos passam ao leitor e a expressão de qualidades e características de personagens (efeito de subjetividade).

Buscaremos modelos de textos narrativos com a presença de adjetivos mostrando detalhadamente os efeitos, as características do texto narrativo, o que é um texto narrativo. Esses textos serão apresentados de alunos do ensino médio, onde será feito uma pesquisa de campo para a elaboração da pesquisa. O estudo aprofundará também a análise de estrutura de um texto narrativo como é desenvolvido.

O estudo de adjetivos em textos narrativos é um tema relevante, ou seja, um estudo importante que fará com que aprofundemos nosso conhecimento sobre os efeitos de sentido que os adjetivos podem causar nestes textos, analisando também suas qualidades e características.

A importância do adjetivo no texto narrativo é de qualificar positivamente ou negativamente o substantivo, dando um sentido especial à estória narrada. Optamos pelo texto narrativo, porque muitas vezes os alunos não sabem diferenciar dos outros gêneros textuais e também porque a sala de aula é um espaço onde deve se produzir todos os tipos de gêneros textuais.

Este trabalho se situa na Linguística da Enunciação e o *corpus* de pesquisa é composto por textos narrativos, contribuindo para o conhecimento nesta pesquisa de campo. A Linguística da Enunciação é a teoria que norteia esta pesquisa, pois nela a linguagem deixa de ser considerada apenas como instrumento externo de comunicação e transmissão de informação para ser vista como uma atividade entre os protagonistas do discurso. Também por a Linguística da Enunciação adota a perspectiva funcionalista em oposição a uma perspectiva formalista.

Portanto, os principais tópicos teóricos deste estudo são gêneros narrativos e efeito de sentido de subjetividade. Optou-se por fazer a pesquisa de campo no ensino médio, pois os

estudantes têm uma mentalidade e nível de conhecimento mais maduro do que os estudantes do nível fundamental.

O *corpus* consiste em textos narrativos, baseado na leitura, na presença dos adjetivos causando efeito de sentido de subjetividade. As etapas do processo científico serão a partir da análise do *corpus* por meio da avaliação da aprendizagem dos discentes segundo suas produções textuais, em seguida leitura dos textos para análise do uso de adjetivos em textos narrativos.

Neste primeiro capítulo estudaremos uma teoria voltada para os adjetivos, suas funções gramaticais e textuais; os efeitos de sentidos que eles causam; quantidade e qualidade, analisando a influência de subjetividade e objetividade, dependendo da quantidade, se são adjetivos que buscam qualidades, defeitos, condições, estado ou se são pejorativos. Abordaremos o efeito de sentido pelo viés da subjetividade.

Adiantaremos em um tópico antes das análises do *corpus* duas redações feitas por mim “Lembrança da minha fazenda” e “As injustiças do sistema político nordestino” e uma oratória de um religioso cristão, de Roberto Cesar Barbosa, para analisarmos os efeitos de sentido que estes adjetivos causam nestes textos, bem como a quantidade e a qualidade dos adjetivos.

Promoveremos um estudo sobre o efeito de sentido: a visão da análise do discurso, fazendo uma apresentação do envolvimento deste tópico com os efeitos e as emoções que estes adjetivos passam ao leitor e a expressão de qualidades e características de personagens (efeito de subjetividade). Buscaremos explorar os elementos do texto narrativo: definição, caracterização e aplicabilidades.

No segundo capítulo apresentaremos um estudo mais prático, analisaremos seis redações narrativas de três informantes do 3º ano do ensino médio. Faremos a análise dos textos narrativos com a primeira e em seguida com a segunda redação que os alunos fizeram, comparando a presença de adjetivos, mostrando detalhadamente os efeitos de sentido que estes causarão, também dependendo de como são empregados, podendo modificar a interpretação do leitor.

Ressaltando que na primeira redação os alunos não tiveram nenhuma explicação sobre adjetivos e nem sobre a estrutura do texto narrativo, somente receberam a informação do título que deveriam seguir: “Uma família muito louca”. Já na segunda, houve intervenção, ou seja, tiveram uma explicação bem detalhada sobre adjetivos e a estrutura de um texto narrativo. Assim, analisaremos se a intervenção ajudou-os na produção do segundo texto.

1 CONCEPÇÕES TEÓRICAS SOBRE O ADJETIVO

1.1 Estudo do adjetivo: função grammatical e função textual

Nesta seção estudaremos as funções do adjetivo, tanto grammatical como textual. Na função grammatical analisaremos essa classe de palavras, exemplificando as características do adjetivo, já na função textual aprofundaremos os efeitos de sentido que os adjetivos causam nos textos, que no caso é o tópico essencial do nosso trabalho.

1.1.1 Função Gramatical

O adjetivo é a classe de palavras que atribui características, sendo elas: efeitos de qualidade, defeito, estado ou condição. Ele vem sempre acompanhado de um substantivo, onde de qualquer forma faz com que ele seja mais importante nas palavras chaves de um texto. O substantivo nada mais é do que a base, pois é tudo aquilo que se dá nome as coisas, e os adjetivos transmitem informações, ou seja, dão identidades para determinados objetos ou seres.

Assim como o advérbio está sempre ligado ao verbo, o adjetivo está sempre acompanhado do substantivo. O adjetivo, o qual se trata da Língua Portuguesa, possui o mesmo gênero e número que os substantivos que o acompanham. Refere-se ao ser ou objeto, sempre a um substantivo, por isso está sempre acompanhado do mesmo, tanto que para reconhecermos o adjetivo temos que primeiro localizar o substantivo.

Sacconi (2001, p.177, grifos do autor) mostra um exemplo: “Homem **bom**, moço **perverso**, casa **suja**, moça **feliz**, **velho** amigo, **nova** remarcação”.

Em sua própria citação podemos exemplificar e explicar. Em “homem bom”, a palavra “bom” respectivamente é uma qualidade feita sobre aquele homem. Em “moço perverso” é um defeito, ou seja, um adjetivo pejorativo. Em “casa suja”, a palavra suja é uma condição de como se encontra a casa naquele exato momento. Em “moça feliz” é um adjetivo de estado, pois naquele momento a moça encontra-se em um alto astral. Um “velho amigo”, é também um adjetivo de estado, pois ele poderia ser velho ou um novo amigo, relatando uma condição.

E em “nova remarcação” se refere ao mesmo caso de “velho amigo” tanto como “nova remarcação” pode ser como “velha remarcação”, que são antônimos que se contradizem utilizando os adjetivos.

Além de adjetivos, existem os seus respectivos tipos, ou seja, são divididos em quatro classes: uniforme, biforme, simples e composto.

Utilizando a “Nossa Gramática” de Sacconi, ele explica que o uniforme é aquele adjetivo que utiliza uma única forma para os dois gêneros, tanto feminino quanto masculino. Por exemplo: Nas frases “Ela está feliz” e “Ele está feliz” o que houve de diferença foi apenas o gênero, porém o adjetivo não sofreu mudanças. O biforme já é a sua contradição, a própria palavra já se explica com o prefixo “bi”, ou seja, classificação de dois elementos, é marcado morfologicamente para gênero. Exemplo: Nas frases “o menino é bom” e em “a menina é boa”, além de sofrer mudanças nos gêneros há também uma consequência de mudanças nos adjetivos em “bom” e “boa”. E um adjetivo simples quando possui apenas um só radical. Exemplo: Em “minha camiseta é vermelha” e “minha camiseta é de cor clara” são adjetivos simples, pois “vermelha” e “clara” é uma característica atribuindo uma cor e tom para a camiseta que é o sujeito da frase. E por fim, o composto que é quando se reúne dois ou mais adjetivos para o único substantivo, ou seja, utiliza mais de um radical. Iremos reutilizar a frase anterior, porém colocando assim os dois adjetivos juntos. Exemplo: “Minha camiseta é de cor vermelho-claro”, ou seja, utilizamos dois adjetivos para uma camiseta e para um único substantivo.

Nestes exemplos, podemos ver o quanto é importante a utilização de um adjetivo seja ele apresentado em frases ou até mesmo em um corpus de redação.

O adjetivo pode estar no diminutivo e no aumentativo, intensificando ainda mais o significado da palavra, como por exemplo: Ela é ‘lindinha’, estou adquirindo uma característica no grau diminutivo, no sentido carinhoso, também podemos colocar no grau aumentativo, como em: Ela é ‘feiona’, só que neste caso temos um adjetivo pejorativo.

Além disso, existem as variações de um adjetivo, que são: gênero, número e grau. Utilizaremos uma única frase para transcrever todos os tipos de variações. No gênero temos o masculino e o feminino. Como por exemplo: “Aquela garota é **bonita**” e “Aquele garoto é **bonito**”.

Em número, temos o singular que é a mesma frase anterior, pois “bonita” e “bonito” são palavras que já consistem no singular. E também existe o plural, que seria a frase modificada “Aquelas garotas são **bonitas**” e “Aqueles garotos são **bonitos**”.

E por fim, o grau que é o mais complexo de todos. No adjetivo de grau, existem duas variações: o comparativo e o superlativo.

O comparativo abre espaço de abordagem para três tópicos, que são eles: de igualdade, de superioridade e de inferioridade. De igualdade, (na própria enunciação descreve que já é

uma comparação entre duas coisas ou pessoas deixando-as iguais) temos o exemplo: “Ela é **tão** bonita **quanto** ele.” Em superioridade, relata algo superior, ou seja, exemplo: “Ela é **mais** bonita **que** ele.” E em inferioridade, que relata algo inferior, temos como exemplo: “Ela é **menos** bonita **que** ele.”

Já o superlativo, que é uma graduação do adjetivo, abre espaço somente para dois tópicos, que são eles: absoluto e relativo. O absoluto possui dois tipos, o analítico e o sintético. O analítico é utilizar uma palavra de grande absorção antes do adjetivo para enfatizar algo com uma expressão maior, um exemplo: “muito importante”, neste termo não basta a matéria ser só importante, ela é mais do que isso, ou seja, “muito importante”. Ao contrário que do sintético, ele sintetiza as coisas, pois simplifica utilizando assim um único radical, exemplo: ao invés de escrever “muito importante” ele poderia transcrever “importantíssimo”. As duas formas são extremamente iguais, do mesmo peso, porém é uma maneira de exemplificar o que será dito.

Em relativo é a utilização dos adjetivos “mais” e “menos” nos aspectos de inferioridade e superioridade. De superioridade, exemplo: “é mais importante”. E de inferioridade, exemplo: “é menos importante”.

Os adjetivos superlativos absolutos sintéticos podem ser **regulares** e **irregulares** ou **eruditos**. Os regulares se formam com o acréscimo da terminação **-íssimo**: inteligente + íssimo = intelligentíssimo; amigo + íssimo = amiguíssimo. Os irregulares se formam com o acréscimo de **-íssimo** ou **-rimo** a formas eruditas: amicus + íssimo = amicíssimo; pauper + rimo = paupérrimo. (SACCONI, 2001, p. 179, grifos do autor)

1.1.2 Função Textual

Quem lê melhor, já escreve melhor por extensão, sabendo empregar as palavras adequadamente. Assim, a linguagem requer vários recursos lingüísticos, um deles é o adjetivo, que muitas vezes cria sensibilidade no texto, chama a atenção do leitor, provocando um efeito de sentido de emoção, de sentimento.

“[...] Ler, reler, conhecer, reconhecer, criar. Nós criamos um texto quando lemos o texto. Na verdade, o que lemos não é exatamente o que está escrito, mas o que nos chama a atenção, o que nos aguça a sensibilidade, dentre um

mar de palavras. Escolhemos determinadas passagens, escolhemos determinados sentidos possíveis num texto literário, por exemplo, e desta forma criamos um livro dentro do livro [...]” (BARBOSA, S., 1991, p.31,32)

O adjetivo é sempre responsável por limitar, restringir o sentido do substantivo, e também para convencer, reforçar, intensificar, detalhar, transmitindo melhores informações ao leitor, ou até mesmo classificando o substantivo de forma positiva ou negativa, tem a função de esclarecer o sentido do substantivo denotando qualidade essencial do ser.

Nos aspectos funcionais do adjetivo citados acima, podemos inserir a questão de uma propaganda, por exemplo. Quando vemos na televisão a propaganda de um carro, o locutor procura exagerar nos adjetivos, dizendo que o veículo é vermelho, novo modelo, que o veículo é confortável, que é maravilhoso e super interessante você adquiri-lo. As palavras: *vermelho, novo, confortável, maravilhoso e interessante* são adjetivos que o locutor utilizou para expressar ao consumidor um sentimento emotivo, para que ele sinta vontade de adquirir o automóvel. O adjetivo detalha melhor as informações sobre o carro, gerando qualidades que valorizam esse veículo.

No contexto de comunicação (seja ele oral ou escrito), temos duas maneiras de agirmos- de forma subjetiva ou objetiva. Quando elaboramos um assunto em primeira pessoa, temos a presença do ‘eu’, que é um recurso que utilizamos nos textos para expressarmos nossos sentimentos, nossas emoções, portanto o assunto passar a ser mais subjetivo, pois os problemas ficam pessoais, o emissor analisa as situações através do seu ponto de vista.

A subjetividade produz o seu próprio enunciado. O ‘eu’ se enuncia com o sujeito da enunciação, podemos transmitir um efeito de subjetividade introduzindo falas nas próprias falas do locutor. ‘Eu’, ‘tu’ e ‘ele’ são pronomes pessoais, sendo o ‘eu’ e o ‘tu’ correlação da pessoalidade e o ‘ele’ correlação da subjetividade, ‘eu’ e ‘tu’ se referem a um indivíduo específico. Mesmo que não se tenha enunciado o ‘eu’, a subjetividade está sempre presente.

Segundo Benveniste, a subjetividade é a capacidade de o locutor se propor como sujeito do seu discurso e ela se funda no exercício da língua. Esse locutor enuncia sua posição no discurso através de determinados índices formais dos quais os pronomes pessoais constituem o primeiro ponto de apoio na revelação da subjetividade na linguagem[...] (Benveniste, 1974 apud BRANDÃO, 1993, p.56)

Quando passamos a ter um assunto com o uso predominante em terceira pessoa, o locutor utiliza alguns pronomes pessoais como o ‘você’ e o ‘ele’ que criam um maior distanciamento do sujeito-enunciador. O efeito de sentido de objetividade irá se afastar do sujeito-enunciador, ou seja, do enunciado e irá ter uma aproximação com o objeto de descrição. Temos que ressaltar também que a objetividade é um recurso da argumentação, possuindo o ‘ele’ como a voz da enunciação.

Segundo Guariglia (1997, p.120)

Assim, não se pode considerar a objetividade além de um dos recursos a serviço da argumentação, ou seja, um efeito de sentido que promove o distanciamento estratégico do sujeito-enunciador do enunciado, com vistas a provocar outro afastamento: o do objeto da comunicação (de que ou de quem se fala), ou seja, do ‘ele’ [...] O efeito de sentido de objetividade, a voz do outro pela pseudo-omissão da voz do ‘eu’, é recurso muito utilizado em várias tipologias textuais (p.ex.: discursos científico, jurídico, político, religioso) porque o afastamento do sujeito do enunciado parece legitimar o objeto de descrição, narração e/ou análise; como se fosse apenas o portador do conteúdo (enunciação), que seria responsabilidade única dos outros interlocutores[...]

O adjetivo também pode abordar o efeito de sentido pelo viés da subjetividade, as emoções do ‘eu’, uma vez que a subjetividade é o que te atribui identidade. Os poetas românticos que tinham como tema falar de sofrimento, amor, solidão, das suas emoções, exageravam nos adjetivos, fazendo com que seus assuntos ficassem geralmente mais subjetivos.

No critério semântico, podemos classificar os adjetivos como objetivos e subjetivos. Os adjetivos objetivos definem algo bem objetivo, qualificando, determinando, julgando, ele está ligado ao objeto e não ao enunciador. Já os adjetivos subjetivos tendem a uma marca mais forte, subjetiva, deixando ali sua identidade, suas emoções, sentimentos e expressão.

O posicionamento do adjetivo também pode alterar o sentido da frase, caso ele venha anteposto ou posposto ao substantivo. Os antepostos geralmente causam um efeito mais conotativo, ou seja, um sentido figurado. Já os adjetivos pospostos causam um efeito mais denotativo, ou seja, tendem a ser mais objetivos. Mas, também depende do contexto, do tipo de discurso, de como o autor pretende buscar o efeito de sentido.

Na frase: Um *grande* homem. Temos o adjetivo *grande* anteposto ao substantivo *homem*, que traz um efeito de sentido conotativo. Nesse caso, estamos dizendo que o homem é talentoso, cheio de méritos. Se colocarmos o adjetivo posposto ao substantivo, como por

exemplo: Um homem *grande* – o sentido fica mais objetivo, ou seja, esse homem é alto, realmente ele é grande, temos um efeito de sentido denotativo.

De acordo com Lapa, “quando o adjetivo está logo depois do substantivo, tende a conservar o valor próprio, objetivo, intelectual; quando está antes, tende a perder o próprio valor e a adquirir um sentido afetivo”. Assim, o uso do adjetivo em posição pré- nuclear evidencia uma intenção discursiva do enunciador em dar um valor mais subjetivo ao conteúdo semântico do sintagma nominal. (LAPA, 1968 *apud* DA SILVA, 2008, p.15)

O adjetivo quando bem colocado no texto influencia na argumentação, cria uma força argumentativa, em que irá revelar o seu ponto de vista, ou seja, é a defesa do locutor. A argumentação possui suas características fundadas na linguagem, assim aparecem vários fatores, operadores argumentativos que influenciam na força do texto. Quando temos um substantivo, por exemplo, e ele é acompanhado por um adjetivo, ele pode sofrer uma modificação aumentando a argumentação do texto.

Por fim, também há palavras que dependendo de como a empregarmos, ela pode tanto ter a função de substantivo quanto de adjetivo. Como nas seguintes frases: “Os nervosos costumam morrer mais cedo” a palavra ‘nervosos’ nesse caso, é substantiva, já em – “O sistema nervoso do ser humano é complicado”, a palavra ‘nervoso’ é adjetiva, pois está exercendo uma função descritiva, informativa, estamos especificando qual o sistema.

1.1.3 Adjetivos no texto: Quantidade e Qualidade

Os textos quando possuem excesso de adjetivos, tendem a ficar mais subjetivos, transmitindo emoções, ficando conotativo, possuindo um sentido figurado. Quando os textos não possuem muitos adjetivos, tendem a ficar mais objetivos, não criam sensibilidade, passando a ser mais denotativos, ou seja, com o seu sentido real, não produzindo emoções no leitor, ficando com os seus sentidos próprios, uma linguagem mais informativa.

Então, quando tivermos textos em terceira pessoa, geralmente teremos uma linguagem mais objetiva, que tende a ter menos adjetivos, portanto há um envolvimento menor, um distanciamento para com o sujeito-enunciador. Isso ocorre muito em textos científicos, jurídicos, já em textos poéticos, por exemplo, encontraremos adjetivos em exagero, pois remetem as emoções do eu, os poetas expressam seus sentimentos, provavelmente neste caso,

o texto estará em primeira pessoa, o emissor procura simplesmente reproduzir passivamente a realidade, onde os problemas são pessoais.

O adjetivo com qualidade tem a função de valorizar o ser ou o objeto, qualificando, criando força argumentativa no texto. Na seguinte frase – “Excelente apresentação do aluno”, estamos qualificando a apresentação do aluno, ou seja, estamos avaliando de forma positiva. Temos também as caracterizações do adjetivo que acontecem de forma simultânea, como por exemplo: “Xampu cheiroso”, o enunciador sentiu o cheiro do xampu e atribui uma característica a ele de acordo com o seu ponto de vista. E o adjetivo descritivo, também do ponto de vista do enunciador, como em: “Calça jeans”.

1.1.4 Texto Narrativo: Definição, caracterização e aplicabilidades

A narração é um gênero textual que os alunos gostam de produzir, pois quando é pedido aos alunos que façam uma narrativa sobre algum acontecimento que eles já vivenciaram, ou de um sonho que tiveram, ou até mesmo sobre outro assunto, os alunos entram no “mundo da imaginação” e começam então a contar os fatos, citando as personagens, desenvolvendo o enredo, onde aconteceu, quando aconteceu e assim por diante.

A narrativa é isso, é relacionar os fatos, são as histórias que o narrador irá contar, gerando ações, conflitos entre os personagens.

A NARRAÇÃO: uma história contada por alguém, algo que aconteceu com alguém, em algum lugar, em algum tempo, de um certo modo. Enredo, personagens, tempo, lugar, foco narrativo – os vários elementos narrativos estão profundamente interligados, são parte de um contexto, de um conjunto articulado: eles se inter-relacionam, se influenciam mutuamente, se complementam no todo da história. (BARBOSA, S., 1991, p.76)

Enredo, personagens, tempo, lugar e foco narrativo, esses são os cinco elementos fundamentais da narrativa, sem eles não há história. O enredo, seria o mesmo que a ação, a trama, o enredo possui uma natureza ficcional, no caso a verossimilhança, que é a essência da ficção o que vai tornar no leitor como algo real. O enredo estará sempre repleto de emoções, é

ele que irá dar ritmo a estória narrada, prendendo a atenção do leitor. O enredo possui uma estrutura determinada da seguinte forma:

1. Exposição (introdução ou apresentação) – O narrador começa a contar a história apresentando os personagens, às vezes já especifica o lugar e o tempo, irá fazer uma apresentação de como se iniciou a trama.
2. Complicação (ou desenvolvimento) – Na narrativa pode haver mais de um conflito, nesse momento é quando temos o desenrolar da história, as ações já estão acontecendo.
3. Clímax – Esse é o momento mais importante da narrativa, as outras partes do enredo ficam existem em função dele, é quando o conflito da ação chega ao seu ponto máximo.
4. Desfecho- (desenlace ou conclusão)- é o termo da história, se ele terminou de uma forma trágica, feliz, cômico, surpreendente, etc.

Os personagens na narrativa exercem um papel fictício, são eles que provocam as ações durante a história. O personagem pode ser um homem, bichos, até objetos desde que desenvolvam falas e ações, os personagens são sempre inventados, porém passam ao leitor uma imagem de realidade, também possuindo características físicas, psicológicas, morais, sociais e ideológicas.

O tempo é a duração que se possui dentro da história, temos dois tipos de tempo: o psicológico e o cronológico. O tempo psicológico está voltado nas memórias que os personagens possuem, são as lembranças, tudo aquilo que eles pensam. Como na seguinte frase: “Passamos nossa infância naquela casinha simples, no fundo de casa tínhamos um pé de cajueiro. Que saudade tenho de minha infância”. Já o tempo cronológico está ligado as horas, os dias, os meses, os anos, um tempo marcado. Por exemplo: “O bonde passava todos os dias às 10 horas e 05 minutos”.

O lugar, é o espaço onde são citados na história, onde se passa o enredo, é a definição do local, o espaço muitas vezes pode interferir nas atitudes, pensamentos e emoções das personagens.

O narrador é o elemento estrutural da história, sem ele não há narrativa, pois é ele quem vai dando o ligamento na história. Na narrativa temos dois tipos de foco narrativo: em primeira pessoa ou em terceira pessoa (do singular). Na terceira pessoa, o narrador possui um papel de ‘narrador observador’, ele vê a história de fora, não se envolve, neste caso temos duas características: onisciência é o narrador que sabe de tudo da história, e onipresença, o narrador está presente em todos os lugares da história. Quando tivermos o narrador em primeira pessoa, podemos chamá-lo de ‘narrador personagem’ é aquele participa da história, ele é onipresente.

Na narrativa, algumas perguntas são extremamente essenciais, como: O que aconteceu? Quem provocou as ações? Por quê? Como? Onde? É através destes questionamentos que podemos dar início a história. Assim, para desenvolvermos uma narrativa com qualidade, é necessário ter as ideias em mente e seguindo uma sequência com começo, meio e fim, quanto mais detalhes o locutor inserir na história, mais interessante ficará a narrativa, não deixando de acrescentar os adjetivos que são eles que expressaram emoções no leitor, além de informar, convencer e comparar, ele caracteriza os personagens (efeito de subjetividade), detalha o espaço, valoriza a história.

1.1.5 Exemplificação: Análise de textos narrativos segundo a aplicação quantitativa e qualitativa de adjetivos

Neste tópico analisaremos três textos com a aplicação quantitativa e qualitativa de adjetivos. Duas redações foram produzidas por mim “Lembrança da minha fazenda” e “As injustiças do sistema político nordestino” em 18/09/2013, e escolhemos também uma parte de uma “Oratória de um religioso cristão” de Roberto Cesar Barbosa, para podermos analisar os efeitos de sentido que os adjetivos causarão nestes textos.

Lembrança da minha fazenda

Morávamos em uma fazenda próxima a Barra do Garças, localizada em Mato Grosso, uma região em que as serras e os córregos circundavam. Quanta saudade que sinto daquele lugarzinho maravilhoso, lugar de paz, de tranquilidade, transmitia-nos uma sensação inexplicável, de viver constantemente sem querer que o dia terminasse.

Nossa fazenda era muito grande, só não me lembro quantos equitáres ela possuía. Criávamos galinhas, tínhamos o Totó – nosso cachorro bem velho e Pluto – nosso cachorrinho novo, no fundo de casa tinha uma lagoa bem limpa, ali viviam nossos patos. Ah, não posso me esquecer do Malandro, nosso cavalo, esse era seu nome, papai colocou esse nome porque o considerava malandro. Todo finalzinho da tarde papai tratava do Malandro, e depois ia andar com ele.

O legal de tudo isso, é que cada um de nossa casa, mantinha um afeto maior com cada bichinho desses. Papai era apegado no Malandro, mamãe sempre envolta das galinhas, e a diversão dos meus irmãozinhos mais novos eram os cachorros. Eu é que era o mais tranquilo de casa, ajudava na roça, e nos momentos vagos me dedicava aos estudos, tinha o sonho em ser um agrônomo.

Lembro-me de um dia que papai me vestiu parecido com ele. Colocou-me um chapéu de palha, uma botina velha, uma camisa xadrez e um cinturão muito lindo. Então fomos perto do milharal e chegou um moço estranho que papai tinha chamado para tirar algumas fotos nossa. Pena, que não sei onde essas fotos foram parar, deixei de ter essa recordação de um momento tão especial.

Mas, posso te dizer filho, que vivi momentos bons naquela fazenda, era uma beleza incontestável. Por isso te digo: estude filho! Vá à busca dos seus sonhos, dê o melhor de si, que assim você os conquistará. Hoje vivo aqui na cidade de Barra do Garças, não tenho mais a fazenda, meus pais já se foram, só restaram as lembranças.

Análise:

- (1) Lugarzinho **maravilhoso**
- (2) Sensação **inexplicável**
- (3) Muito **grande**
- (4) Bem **velho**
- (5) Cachorrinho **novo**
- (6) Bem **limpa**
- (7) Cavalo **Malandro**
- (8) Afeto **maior**
- (9) Irmãozinhos mais **novos**
- (10) Mais **tranquilo**
- (11) Momentos **vagos**
- (12) Botina **velha**
- (13) Camisa **xadrez**
- (14) Muito **lindo**
- (15) Moço **estranho**
- (16) Tão **especial**

- (17) Momentos **bons**
- (18) Beleza **incontestável**

Podemos observar que todos os adjetivos estão em posição posposta do substantivo, neste caso o adjetivo possui um efeito mais objetivo, passando a ter uma carga semântica subjetiva menor. Nessa redação procuramos selecionar adjetivos de caráter qualitativo, para assim podermos especificar melhor a caracterização deles.

Em (1), (2), (8), (10), (14), (15), (16), (17) e (18) são adjetivos que transmitem o sentimento do enunciador, ou seja, é a sua maneira de notar ou de sentir as coisas, deixando a subjetividade aparecer. Em (17) o adjetivo ‘bons’ remete ao substantivo ‘momentos’ qualificando as lembranças que tem vivido. Em (18) a palavra ‘incontestável’ remete a beleza da fazenda, um valor positivo a ela.

Em (3), (4), (5), (6), (9), (11), (12) e (13) são adjetivos objetivos, ou seja, transmitem uma ideia mais objetiva, mais clara, denotativa, é realmente aquilo, ninguém está achando ou sentindo do seu modo.

Em (7) consideramos como adjetivo, pois o contexto irá apontar como característica atribuída ao animal. O cavalo realmente se chama Malandro, devido suas características em ser malandro/danado.

Em (3), (8), (10) e (14) são adjetivos que dão ênfase à quantidade em relação aos substantivos. Ainda em (3), o adjetivo ‘grande’ passou a ser um intensificador, passa um sentido de dimensão, pois aparece no texto como ‘muito grande’, o mesmo valor que enorme, gigantesco, imenso, atribuindo uma característica a fazenda.

Vale ressaltar que o adjetivo não é o único recurso que traz o efeito de subjetividade, pois há alguns trechos na redação em que comprovam que outros recursos linguísticos também tendem a criar a subjetividade, como por exemplo: “O legal de tudo isso” – a palavra ‘legal’ é um substantivo, mas criou um efeito de subjetividade. No discurso direto também houve um sentido subjetivo “estude meu filho!” e na seguinte frase também: “Ah, não posso me esquecer do Malandro”, a interjeição “Ah” também nos transmitiu tal efeito.

As injustiças do sistema político nordestino.

Virgulino era fruto da caatinga e do descaso governamental; homem forte, persistente, sem qualquer identificação que ao menos lho inserisse na realidade cidadã, nunca perdeu a esperança de uma vida melhor.

Depois de tanto trabalhar e sofrer nas condições de nordestino pobre resolve buscar as possibilidades de ascensão na cidade grande. Entretanto, onde há a figura do explorado, há também a figura do explorador, para isso tem-se Sinhô Riobaldo, um dos mais capciosos latifundiários do agreste, homem rude, fisicamente desgastado e espiritualmente cético, provido de regalias que a maioria da população nordestina desconhece por questões econômicas relacionadas a indústria da seca.

Certo dia, Virgulino cansado de produzir nas terras do patrão, das quais pouco desfrutava, algo inferior ao consumo próprio, decide cambiar o destino de sua humilde existência, apanha as trouxas e o pouco que possui e decide mudar-se para São Paulo, junto a mulher e os filhos. No entanto, antes de seguir a longa viagem, era preciso um acerto de contas. Em vista disso, dirigiu-se até a casa central do Sinhô Riobaldo e fez-lhe a cobrança dos anos subumanos de trabalho naquela propriedade.

No entanto, o sinhô em uma atitude típica de coronelismo, onde suas vontades são impostas e tidas como verdades universais do microcosmo nordestino, deu-lhe o pouco que possuía consigo alegando descontos sobre dívidas antigas.

Em súbito, refletindo a exaustão, as humilhações e todas as injustiças que sofreu, Virgulino enraivado joga-se sobre o patrão com movimentos frenéticos, arrancando-lhe todas as jóias. Sem hesitar, sinhô Riobaldo saca o canivete do bolso e enfinca-o no abdômen do indigente. A mulher e os filhos em pânico, amedrontados retiraram-se de volta a casa de sapê arrastando o corpo do marido como podiam, alcançando a conformação sobre sua condição de subespécie, que os economicamente mais fortes lhes embutiram.

Foi assim, na tentativa de fazer justiça, que Virgulino colocou sua família, causa primeira da luta por melhorias, em uma situação de extrema miséria, matando-a de fome e sede gradativamente nos meses que decorreram sua morte. E mais uma vez a vontade do maior prevalece sobre a fraqueza de uma população paupérrima sem os direitos constitucionais igualmente assegurados.

Análise:

(1) Homem forte

- (2) Homem **persistente**
- (3) Vida **melhor**
- (4) Nordestino **pobre**
- (5) Cidade **grande**
- (6) Figura do **explorado**
- (7) **Capciosos** latifundiários
- (8) Homem **rude**
- (9) Fisicamente **desgastado**
- (10) Espiritualmente **cético**
- (11) Virgulino **cansado**
- (12) **Humilde** existência
- (13) **Longa** viagem
- (14) Casa **central**
- (15) Atitude **típica**
- (16) Verdades **universais**
- (17) Dívidas **antigas**
- (18) Virgulino **enraivado**
- (19) Movimentos **frenéticos**
- (20) A mulher e os filhos em pânico **amedrontados**
- (21) **Extrema** miséria
- (22) População **paupérrima**

Análise:

Analizando essa redação, podemos observar que temos adjetivos antepostos e também pospostos ao substantivo. Buscamos aplicar uma maior quantidade de adjetivos (no caso, temos essa análise de caráter quantitativo) para que assim possamos observar em cada caso os efeitos de sentido.

Em (1) e (2) temos adjetivos que caracterizam a personalidade de Virgulino: ‘forte’ e ‘persistente’, são adjetivos que trazem efeito de objetividade, ou seja, é a própria realidade, ele realmente possui essas características.

Em (3) temos o adjetivo ‘melhor’ que está ligado ao substantivo ‘vida’, nos traz um efeito de expressão de sentimento do personagem Virgulino, a esperança que possuía em ter uma vida melhor do que a que levava.

Em (4), temos o adjetivo ‘pobre’ que se remete ao substantivo nordestino, o adjetivo está relacionado a condição de vida do personagem.

Em (7), (8), (9) e (10) são adjetivos que estão ligados a características de outro personagem o Sinhô Riobaldo: ‘capciosos’, ‘rude’, ‘desgastado’ e ‘cético’. Em (7) o adjetivo ‘capciosos’ vem anteposto do substantivo ‘latifundiários’ trazendo um sentido mais subjetivo.

Em (5) e (13) temos o adjetivo ‘grande’ e ‘longa’ como sentido amplo. ‘Grande’ em dimensão e ‘longa’ em tempo. Porém o adjetivo ‘grande’ vem posposto do substantivo trazendo um sentido mais objetivo, enquanto o adjetivo ‘longa’ vem anteposto com um sentido mais subjetivo.

Em (6) e (22) ‘explorado’ e ‘paupérrima’ é um adjetivo que está ligado a população nordestina, caracterizando de forma pejorativa. Em (22) ‘paupérrima’ é um adjetivo superlativo absoluto (sintético).

Em (11) e (18) ‘cansado’ e ‘enraivado’ são adjetivos que remetem as características de estado do personagem Virgulino.

Em (12) ‘humilde’ é um adjetivo que vem anteposto do substantivo ‘existência’, buscando um efeito afetivo, emotivo, ou seja, um viés da subjetividade, é também um adjetivo que descreve a existência de forma positiva.

Em (14), (15), (16), (17) e (19) ‘central’, ‘típica’, ‘universais’, ‘antigas’ e ‘frenéticos’ são adjetivos com efeito de objetividade, que estão pospostos ao substantivo, aderindo características descritivas.

Em (20) temos o adjetivo ‘amedrontados’ como característica de estado da mulher e dos filhos em pânico, é uma característica momentânea.

Em (21) temos a palavra ‘extrema’ como adjetivo subjetivo, uma marca mais forte, pois a miséria era “gigantesca”, era a situação que Virgulino e a família passaram.

“Oratória de um religioso cristão”

“[...] E vale a pena pensar meus irmãos quais são os elementos da nossa **antiga** vida que estão hoje presente, que nós muitas vezes fazemos uso para nos ver livres de alguma situação.

Foram **poucos** os citados aqui: a mentira, o fato de dizer esquemas aqui ali. E você pode identificar alguma coisa na tua vida que era parte da sua vida **passada** e que não precisa mais ser parte da sua vida **nova** em cristo Jesus. Quem sabe antes no passado você usava uma cara **feia** pra espantar seus inimigos, sempre **emburradão**, sempre **fechado**, com aquele olhar **desconfiado**. Aí as pessoas que viam você já temiam, né? Ops! Pera aí, tem medo de cara **feia**. Na **nova** vida em cristo, muitas vezes você ah não concorda com alguma coisa nos mais **diverso** lugares onde você está, e faz uso da mesma arma: fecha a cara, da aquela olhada, serra os punhos. **Maldito** é o homem que confia no homem e nas armas humanas. Você tem sido uma pessoa assim? Que faz uso das armas que te escravizam pra se ver livre de algumas situações do presente. Em outras palavras: você não tem, quem sabe, permitido que o senhor mexa na sua vida de tal forma que você confie plenamente nele. Confie de tal forma que você não precise deixar aflorar e dominar em você aquele seu jeitão que resolia tudo e resolve tudo, à base do jeitão humano. Se você tem agido assim o conselho de Deus é: não continue agindo assim, por que os resultados por não confiar em Deus e confiar na carne **humana, mortal**, são **terríveis**. E o texto aqui tá dizendo quais são os resultados: o primeiro diz o texto que será um arbusto **solitário**, o texto diz: “**maldito** o homem que confia no homem e faz da carne **mortal** seu braço e aparta o seu coração do senhor... E aí o versículo seis diz: “por que será como o arbusto **solitário** no deserto...”. As pessoas que agem com as armas **humanas** confiando nos homens são pessoas **solitárias**, não passa muito tempo e as pessoas sabem e percebem que você é **mentirosa**, não passa muito tempo e as pessoas percebem que você é do tipo que faz as coisas debaixo do pano fomentando motins, não passa muito tempo e as pessoas percebem que você é aquela que fala sem que Deus tenha passado pelo seu crivo, as suas palavras, não passa muito tempo e as pessoas percebem que você é uma pessoa que não merece companhia, por isso está **sozinha**, mesmo em meio à multidão, está **sozinha**. E um arbusto **solitário**. E algumas pessoas brincam, né? Se eu pudesse fugir de mim mesmo, fugiria. Quem sabe você esta mais ou menos por esse caminho, uma pessoa **solitária**. quem sabe as pessoas que tem se aproximado, hoje de você, se aproximam porque sabem que de você, ainda, podem sugar alguma coisa para se beneficiar. As pessoas não aproximam-se de você por acreditar ou saber que você é uma pessoa **jóia**, independente de ter alguma coisa, ou não ter alguma coisa para oferecer. Comece a observar e vejam as pessoas que se aproximam de você, por que é que elas estão sempre com você. se você tem confiado na carne, você é uma pessoa **solitária** e se, ainda, não é, será uma pessoa **solitária**. o texto diz: pois será como um arbusto **solitário, sozinho**. Pessoas que confiam somente no homem são **solitárias**, por que quando nós estamos na luz diz a palavra de Deus: “...as obras da carne são **manifestas**...”.

Não tem jeito de esconder, não tem jeito de se fazer um negocinho aqui e depois aparecer com cara de **santo**. A palavra de Deus também diz: que nada que esta oculto ficara oculto, então, não adianta, você pode fazer o mais escondido possível, ser o mais assim, ah armar todo o jeito para que a coisa não apareça. vai aparecer e mesmo que as pessoas a sua volta não sabem o que é, Deus vai fazer a coisa aparecer e você vai ficar **sozinho**. **Maldito** o homem que confia no homem, pois ele será como um arbusto **solitário**. mas o texto não pára por aí, o texto continua e além dele ser um arbusto **solitário** no deserto, ele não verá quando vier o bem. É isso que está escrito na tua bíblia? minha versão é um pouco diferente. e uma pessoa que não consegue ver as coisas **boas** que acontecem, não consegue ver as bênçãos de Deus, não conseguem ver as manifestações de Deus na própria vida. quem confia no homem é uma pessoa, vamos dizer assim: **insaciável**. e mesmo que as bênçãos de Deus recaia sobre ela, nunca esta bom. querem um exemplo? Quem confia no homem e nas coisas do homem, quanto mais sobe o salário mais falta dinheiro e sempre tá reclamando que não tem dinheiro, errss. Esse salário, tá **loco**, salário de fome! E é interessante que aqueles que confiam no senhor ganham lá duzentos e quarenta reais, vão ganhar e se olha para a cara deles, eles estão **felizes**, estão vibrando por que depois de quatro ou cinco meses conseguiram comprar uma latinha de nescau. e? Ô loco! Tem gente que não toma nescau, tem muitas famílias que o nescausinho meus irmãos é **supérfluo**. Isto é verdade. Tem muita gente que o que vai para o supermercado traz arroz e feijão e espera a carne cair do céu. quem sabe um ou há um acidente lá de pombas um batendo lá de cara pro outro caí, aí come a pomba. e sério, mas ele tá lá **feliz** [...]” (BARBOSA, R., 2003)

Análise:

Escolhemos uma parte da “Oratória de um religioso cristão” de Roberto Cesar Barbosa, para analisarmos também os efeitos de sentido que os adjetivos irão causar nesse texto. Destacamos os adjetivos no texto para que assim possamos melhor identificá-los. O texto foi redigido na linguagem coloquial, apresentando várias marcas de oralidade e também repetições nas falas do pastor: “[...] Aí as pessoas que viam você já temiam, né? Ops! Pera aí, tem medo de cara feia [...]”, podemos notar várias marcas de oralidade nessa citação – ‘Aí’, ‘né’, ‘ops’ e ‘Pera aí’.

Mas nosso foco nessa análise são as aplicações do adjetivo nesse discurso. No discurso o pastor faz o uso de vários adjetivos para exemplificar melhor seus argumentos. No ínicio do texto o pastor ressalta sobre a **antiga** vida: “[...] E vale a pena pensar meus irmãos quais são os elementos da nossa **antiga** vida que estão hoje presente [...]” – ‘Antiga’ é um adjetivo subjetivo que vem anteposto do substantivo ‘vida’, faz com que o ouvinte reflita sobre seus atos cometidos no passado, para que ele possa sentir as emoções da fala do pastor. Já em: “[...] e que não precisa mais ser parte da sua vida **nova** em cristo Jesus [...]”, temos o adjetivo ‘nova’ posposta ao substantivo ‘vida’ trazendo um adjetivo de estado, que é a vida que o pastor pede para que seus ouvintes busquem.

As palavras a seguir que aparecem no texto - ‘cara **feia**’, ‘uma pessoa **solitária**’, ‘**emburradão**’, ‘**fechado**’, ‘**desconfiado**’, ‘**maldito**’, ‘**sozinho**’, ‘cara de **santo**’, ‘pessoa **jóia**’, ‘**mentirosa**’ são adjetivos que o pastor faz referência a todos os ouvintes, todos descritivos gerando uma linguagem mais objetiva e direta, exceto o adjetivo ‘maldito’ que vem anteposto ao substantivo ‘homem’, que por sua vez atribui uma característica pejorativa ao homem, revelando um posicionamento que tende a ser subjetiva, uma linguagem mais pessoal.

Na frase: “[...] E é interessante que aqueles que confiam no senhor ganham lá duzentos e quarenta reais [...]”, ‘interessante’ nesse contexto não se enquadra como adjetivo, e sim como um substantivo, embora crie um efeito de subjetividade.

Estas outras palavras destacadas também se enquadram como adjetivos: “[...] não continue agindo assim, por que os resultados por não confiar em Deus e confiar na carne **humana**, **mortal**, são **terríveis**. [...]”, as palavras destacadas são características do substantivo ‘carne’, sendo pospostas a ele, produzindo um efeito que tende a ser objetivo.

Quando o locutor faz o uso da palavra ‘tá **loco**’, além de ser uma marca de oralidade, ela também é adjetiva objetiva, a palavra ‘loco’ refere-se com quem ele dirige o discurso. “[...] Esse salário, tá **loco**, salário de fome! [...]”. Na seguinte frase: “[...] minha versão é um pouco diferente. e uma pessoa que não consegue ver as coisas **boas** que acontecem [...]” a palavra ‘**boas**’ é um adjetivo posposto ao substantivo ‘coisas’, tende a ser mais objetivo, referindo-se as coisas boas que as pessoas devem seguir, ver as manifestações de Deus em sua vida.

O discurso que o locutor/pastor faz, é repleto de adjetivos, isso faz com que sua fala crie mais força argumentativa, apesar da linguagem conter muitos erros, bastante oral, ele reforça o sentido das suas falas, repetindo várias vezes as mesmas palavras para que os receptores possam absorver-las de forma eficaz.

1.1.6 Efeito de sentido: A visão da análise do discurso

A análise do discurso (AD) surgiu na França em 1960, é uma área da linguística que trabalha morfemas, frases, orações, textos verbais e não-verbais, aspectos linguísticos e semióticos. A análise do discurso está centrada na subjetividade (sujeito/vozes), ideologias (sócio-histórica) e língua/linguagem. Podemos afirmar que toda linguagem provém de um discurso, seja ele político, familiar, religioso, capitalista, escolar, entre outros. A AD terá sempre um discurso predominante, geralmente polêmico.

Como aponta Maingueneau, o campo da Linguística, de maneira muito esquemática, opõe um núcleo “rígido” a uma periferia de contornos instáveis, que está em contato com a Sociolinguística, Psicologia, História, Filosofia etc. O núcleo rígido se ocupa do estudo da língua como se ela fosse apenas um conjunto de regras e propriedades formais, ou seja, não considera a língua enquanto produzida em determinadas conjunturas históricas e sociais. A outra região, de contornos instáveis, ao contrário, “se refere à linguagem apenas à medida que esta faz sentido para sujeitos inscritos em estratégias de interlocução, em posições sociais ou em conjunturas históricas”. A Análise do Discurso pertence a essa última região, ou seja, considera esse último modo de compreender a linguagem, o que não significa que, para ela, a linguagem não apresente também um caráter formal [...] (Maingueneau, 1997 apud MUSSALIN, 2004, p. 110-111)

Iremos especificar os três fatores importantes inseridos na AD: Sujeito/vozes, ideologias (sócio-histórica) e língua/linguagem.

Quem fala possui uma ideologia, uma teoria. O sujeito pode exercer várias funções em um texto, ele é totalmente livre para expressar aquilo que quer dizer, porém ele pode enunciar suas ideias dentro das possibilidades de sentido do seu discurso, pois ele está perante a um lugar social.

A ideologia é o conjunto de ideias perante a uma sociedade, está mascarada na realidade social, voltada a teologia e a psicologia pelo fato dos rigores científicos. O caráter da ideologia é em um grupo, uma visão de conjunto.

O discurso está ligado a ideologia, não há discurso sem ela, ou seja, das ideias que serão expostas. A sociedade impõe as ideias, portanto a linguagem está engajada na questão social, pois a linguagem nada mais é que os enunciados, sendo eles orais ou escritos.

“[...] como ressalta Fiorin: “o que é específico de todas essas Análises do Discurso é o estudo da discursivização”, ou seja, o estudo das relações entre condições de produção dos discursos e seus processos de constituição [...]” (FIORIN, 1990 *apud* MUSSALIN, 2004, p.114)

A análise do discurso busca alguns efeitos de sentido, um deles é a ambiguidade que aparece muitas vezes nos contextos. Na frase a seguir, podemos notar um efeito de ambigüidade na fala entre duas personagens:

- Faz vinte anos que não tenho relação sexual com a minha noiva.
- Eu também.

No diálogo a fala da segunda personagem “eu também”, gera uma ambigüidade, pois não dá para saber se ele não faz relação sexual há vinte anos com a noiva dele mesmo ou com a noiva do amigo que iniciou a conversa.

Outro caso que podemos analisar na AD, é o efeito subjetivo que podemos encontrar inserido no discurso: “Essa garota é uma mulherzinha”. No contexto é um adjetivo, pois a garota está recebendo uma característica, porém “mulherzinha” muitas vezes traz um sentido ofensivo, se refere a uma mulher que não presta, desvalorizando-a.

Agora faremos uma análise discursiva do texto “Homem não chora, as lágrimas masculinas são uma afronta à natureza”, de Fábio Hernandez, texto publicado na revista VIP.

Homem não chora

As lágrimas masculinas são uma afronta à natureza

Vou tentar lembrar a frase de um sábio. Acho que era assim: as lágrimas dos fracos secam as minhas. Ele falava de como um homem deve se portar na adversidade. Como um homem, para resumir. Sem histeria feminina, sem se chacoalhar em desespero patético. Sem chorar.

Homem que é homem não chora.

Uma pequena digressão: aquele filósofo não desabou moralmente nem quando recebeu a sentença de morte. Foi condenado ao suicídio. Os amigos e a quase viúva ficaram consternados. O suicida compulsório consolou a todos antes de cortar as veias. Seus olhos não

ficaram nem sequer úmidos, segundo relatos de testemunhas. Ele exortou os que o cercavam a mostrar a força, cortou as veias e partiu para a história.

Há na natureza uma sabedoria que convém respeitar. Infelizmente, a natureza é cada vez menos levada em conta, como se vê no pequeno grande crime que as mulheres cometem ao destruir a golpes de cera o que meu amigo Juan Iglezias nesta página mesma, chamou de Triângulo Sagrado. A natureza embelezou a mulher que chora. A fragilidade, a suavidade feminina são destacadas quando o pranto toma a mulher. A vontade que se têm é de ampará-la, de protegê-la em nossos braços viris do mundo cruel. Muitas vezes essa vontade ingênuas é seguida de um impulso nada ingênuo de teor sexual. Mas até aí pode haver poesia: ao namorarmos a chorona como que sagramos sua salvação. Nada mais pode atingi-la. Somos então uma espécie de herói. Já não há razões para a mulher chorar. E uma cópula redentora. Libertadora. Sem muito esforço, ela passa da tristeza à alegria genuína da fêmea possuída e protegida.

Elevação Espiritual

Com o homem é o oposto. Ao chorar, ele se descompõe. Fisicamente fica feio. A palavra mais adequada é outra: horrível. Tenho a tese que, se o chorão se olhasse no espelho no momento do colapso moral, o mundo teria um número imensamente maior de homens firmes diante da adversidade. A natureza, ao tornar quase repulsivo o macho em pranto, estava dizendo que homem não chora.

O chorão não inspira piedade, não inspira ternura. Nos homens, ele desperta uma mistura de tédio e desaprovação. Nas mulheres – e aqui me refiro às normais, não às malucas com vocação doentia para enfermeiras e psiquiatras-, ele desperta aversão.

Apanhemos de pé quando a vida, como acontece com tanta freqüência, nos golpear. Se cairmos combatamos de joelhos. Nada de faniquitos. Nada de lágrimas em profusão descontrolada.

Isso não quer dizer que nós homens não somos sensíveis. Sentimos, sofremos às vezes terrivelmente quando perdemos uma mulher amada ou um amigo também amado. (Outro sábio disse lindamente que a morte de um amigo o atirou numa noite fria e escura.) Quer dizer apenas que podemos e devemos ser firmes, másculos, perante as dificuldades, os reveses tão comuns da sorte. Devemos ser homens, para simplificar.

Se chorei? Mais do que devia, com certeza. E com certeza também não são os momentos de que lembro com maior satisfação. Refrear as lágrimas, um esforço tenaz que

tenho empreendido, é uma atitude não apenas macha. É também um gesto de elevação espiritual. (HERNANDEZ, 2005, p. 186)

Análise:

Nesse texto da revista masculina o sujeito ‘homem’ foi inserido no texto para reforçar o machismo (que é o discurso predominante), o analista do discurso é um investigador, ele escreve coisas que são contrárias ao senso comum, provocando ironia/humor.

Todo texto possui apenas um encaminhamento temático, neste caso o autor fala a questão do machismo, que todos os homens devem ser fortes, homem tem que ser homem, portanto o público desta revista são os homens. Há no texto marcas a questão sexual, tem tudo haver com a revista VIP, há uma ideologia sexual: “[...] Muitas vezes essa vontade ingênua é seguida de um impulso nada ingênuo de teor sexual [...]”.

Temos como ideologia- antifeminista e o homem como um ser evoluído. Também alguns adjetivos que podemos destacar do texto também como ‘feio’, ‘horrível’ e ‘sensíveis’, são adjetivos pejorativos que o autor não aceita que os homens passem a adquiri-los, ele argumenta que todos esses adjetivos se dão através do choro.

2 ANÁLISE DO CORPUS: REDAÇÕES NARRATIVAS DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

O corpus de pesquisa é composto por redações narrativas por alunos do terceiro ano do ensino médio da Escola Estadual Anselmo Bispo dos Santos, de Taiaçu – SP e as redações foram coletadas por meio da pesquisa de campo em Junho de 2013. Escolhemos o gênero narrativo para trabalhar com os alunos assim conseguirem diferenciar dos outros tipos de gêneros textuais, bem como o dissertativo, argumentativo, descriptivo, entre outros; e também porque a sala de aula é um espaço onde deve ser trabalhado todos os tipos de gêneros textuais.

Serão analisados 6 textos de 3 informantes. Foram escolhidos os três alunos que estavam com as melhores notas até o momento, procuramos escolher as melhores redações. Cada aluno fez uma primeira redação sem nenhuma intervenção do pesquisador, apenas com o tema propiciado. Em outra aula fizeram outra redação, dessa vez com uma aula detalhando

tudo sobre adjetivo, seus efeitos, sua importância nos textos, a estrutura do texto narrativo e outras orientações.

Analisaremos somente os efeitos de sentidos que os adjetivos causam no texto e não outros erros cometidos pelo produtor. Decidimos buscar um tema que traria um bom desenvolvimento e que podíamos aplicar vários adjetivos. Por isso a escolha de “Uma família muito louca”, pois já no título temos a presença de um adjetivo ‘louca’.

As redações não trazem nenhum tipo de registro que revelem informações dos alunos.

ALUNO A - REDAÇÃO 1

Ridicão!

Tema: Uma família muito louca.

Minha casa era um lar muito bonito rodeado pela natureza onde espontaneamente eu avistava os pés das passaros, mas em um dia de pôr do sol tive a surpresa de acordar quando minha mãe dizer:

— Filho, cheguei e cheguei para ficar.

Pensei que era só um sonho, mas estava errado, pois não sei minha mãe, mas minha família realmente decidira mudar-se para perto de mim.

Minha mãe era de tipo aventureira e meu pai gostava de beber pipa, só minha avó dançava muito bem, sempre definia minha família como sendo louca, apesar de não gostar muito de avôs, eu sempre caía na farra delas, até decidir seguir minha vida própria. Porém como parecia destino elas reformaram. Quando saí de quarto só veia lá a pequena família. Minha avó desgrenhada, vestida de balonins e meu pai dançando as passas e zumbi de minha cara inchada de sono, podia que alguma coisa ele ia dizer, foi então que exclamei:

— Parabéns filho!

Imediatamente colhi para o calendário e aí que era meu aniversário, minha avó então disse que tinha preparado uma dança para mim e então comecei a dançar os pentes de pé, aí percebi que nem uma moça mesmo sem as passas zumbas de tantas batidas que dava. Chamaram-me para parar e comemorar e quando abri a porta, me deparei com muito música e com a vila cheia de fogos de artifício, minha mãe convidou até uma menininha russa, ela adorava uma animadona, e os passaros animavam ainda mais o local. Meu pai chegou com

o bolo, estava alegre de bêbado, foi quando tropeçou e caiu para cima e mentiu só, dava um salto de dançarina com aquela profissão. Todos aplaudiram, ficou um espetáculo de circo.

Enfim, fa o anúncio mais agitado que já tire, e mais surpreendente e interessante, passa com a família mais linda e alegre de todos:

- Isso não é uma família muito loura, porém muito especial, me impressiona de deixá-los, mas preciso ter a certeza de que vocês não têm tudo para mim.

Então todos se abraçaram e mais tarde fizeram um cartaz com um nome para a família nomeado "Uma família muito linda".

TRANSCRIÇÃO (IPSIS VERBIS)

Uma família muito louca

Minha casa era um lar muito rodeado pela natureza onde espontaneamente eu acordava ao som dos pássaros, mas em um dia de sábado tive a surpresa de acordar ouvindo minha mãe dizer:

- Filho, cheguei para ficar.

Pensei que era só um sonho, mas estava errado, pois não só minha mãe, mas minha família realmente resolvera mudar-se para perto de mim.

Minha mãe era do tipo aventureira e meu pai gostava de beber pinga, já minha vó dança muito bem, sempre defini minha família como sendo louca, apesar de não gostar muito de escândalo, eu sempre caía na farra deles, até decidir seguir minha vida sozinho. Porém como parece destino eles voltaram. Quando saí do quarto estava lá a pequena família. Minha avó desajeitada, vestida de bailarina e meu pai trançando as pernas e rindo da minha cara inchada de sono, sabia que alguma coisa ele ia dizer, foi então que exclamou:

- Parabéns filho!

Imediatamente olhei para o calendário e vi que era o meu aniversário, minha vó então disse que tinha preparado uma dança para mim e então começou a dançar de pontas de pé, girava que nem uma moça mesmo com as pernas roxas de tantas batidas que dera. Chamaram-me pra sair e comemorar e quando abri a porta, me deparei com muita música e com a vizinhança fazendo uma festa de aniversário, minha mãe contratou até uma montanha russa, ela adorava uma adrenalina, e os pássaros animavam mais o local. Meu pai chegando com o bolo, estava bêbado, foi quando tropeçou e jogou-o para cima e minha vó, dando um salto de dançarina conseguiu pegá-lo. Todos aplaudiram, parecia um espetáculo de circo.

Enfim, foi o aniversário mais gostoso que já tive, o mais surpreendente e interessante, passei com a família mais louca e agradeci dizendo:

- Vocês são uma família muito louca, porém muito especial, me arrependo de deixá-los, mas precisava ter a certeza de que vocês são tudo para mim.

Então todos se abraçaram e mais tarde fizeram um cartaz com um nome para a família nomeado “Uma família muito louca”.

ALUNO A - REDAÇÃO 2

Redação 2

Tema: Uma família muito louca.

Em uma casa da cidade onde morava uma família, não era bem uma casa, podemos falar que era uma mansão. A família era grande, porém também viviam lá uma empregada e uma babá.

João e sua esposa Mônica, tinham três filhos: Pedro, o mais velho e que estava se formando em medicina, Branca, a filha adolescente e menina e Júnior, o mais novo da família com três anos de idade, porém já estava muito ativo. A mãe de Mônica morava fundo dentro, fechou a porta e, só estava praia mas gostava de ouvir música. A empregada adorava "funk", só a babá era religiosa.

Um domingo, e como estavam muito afastados, decidiram fazer algo diferente para divertir a família, afinal, João era um empreendedor e passava a semana inteira trabalhando com o Júnior, e Mônica vendo nos salões e boutiques da cidade. Fizeram então juntar-se em um jardim para fazer piquenique.

João e Mônica foram na frente para agitar as salsas e Branca esperou para ir com seu irmão Pedro e sua avó, a empregada estava terminando de limpar a casa e a babá estava na cozinha com Júnior. Chegando lá, João ficou preparando a comida, até que ouviu Mônica gritar:

- AAAAAA, passou, bolas!

Então João saiu correndo para ver o que aconteceu.

- O que aconteceu com você? Perguntou João.

- Eu estava olhando essas flores e elas me picaram, disse Mônica tendo medo de picadas.

Então, João entende aquela situação do espelho, logo para Pedro que só imediatamente pôs as flores não saíram e passou da casa.

Branca percebendo que estava fazendo apreensão para enfeitar Lucas, um menino saído em que ele estava apaixonado e ele,

GRACIA

DATAPOL

momento interessado em ingressar na família pelo dinheiro. Assim, sabendo que os pais dela não estavam, fez com que ela o levasse para conhecer o local tão desejado de todos.

Alugando lá, encantaram a empregada dançando funk sobre a poltrona e, enquanto a menina observava, Lucas furtava o celular de Pedro. Ele repente chegou a bebé com Bianca que tentava levantar sua paia longa e dar risada de sua calamidade.

— Meu querido Jesus Cristo, o que deu em você? Perguntou a bebé à empregada.

— Ele que pergunte o que deu em você para ser tão idiota, disse a empregada e largou paia.

— Quem é este rapaz, moamba? Perguntou a bebé.

— Ah, é omisso meu, disse a adolescente.

— Omisso seu? Pedro já se despediu de todos, para que estivessem esperando. No mesmo momento Pedro chegou e de ter aliado tão feio para Lucas, fez com que este fosse embora.

— Ah, eu programei com esse rapaz mais uma vez, eu não me responsabilizo, disse Pedro todo furioso, afinal, já o conhecia uma vez em que estava farto dele quando experimentou drogas na faculdade, mas já conseguira se recuperar de círco. E sabendo que esse duca era um dos que mais usava, disse a Bianca de que não queria mais vê-lo.

— Isso é um date! Disse Bianca não podendo de pitaco.

— Somos logo então todos nós, a mãe trouxe umas picadas de chocolate, mas já está se recuperando, trouxe a você, disse Pedro e todos foram a comemorar.

Alugando lá, a vez foi de Pedro se sentando com seu rolinho de pílha quando seu tipo de música, e todos começaram a cantar, a bebé ria filhamente, a empregada usou fones de ouvido, a família estava reunida, Bianca para dizeras que não dava uma volta, até que Pedro notou a falta de seu celular e voltou para a casa buscar.

Não mencionou em lugar algum, suspeitando de Lucas paia em busca dele, mas o que ele não sabia era que Bianca havia combinado.

JERÔMIO

DATAPOL

ra de se encontrarem no jardim.

Lucas, ainda com temperos aguçados, domou Bianca para levá-la a casa deles no momento, afinal, ele não conseguia tê-la intira, e a maria incerte aceitou.

À caminho da casa, encontraram Pedro, que se é-las fei para cima de rapaz. O polícia coincidentemente parou e os levou à delegacia.

Bianca foi carregada domos dos filhos no jardim e todos foram para a delegacia, até mesmo a avó. Lá, os policiais questionaram Lucas, que além de usuária, traficava drogas e mandou à prisão.

Como Pedro era filho de Jorge, o empresário, foi pelo imediato; mente, e Bianca quando soube da história ficou depressiva.

Então todos voltaram para a casa e dormiram. No dia seguinte, a empregada parou com a notícia de que iria trabalhar no mello baile funk da cidade durante a noite.

Enfim, depois de tudo, Mônica aprendeu a dar mais valor em seus filhos, afinal Pedro já fez o diabo um dia. E agora começará um tratamento para Bianca que está depressiva, além de educar Gínia, parecendo então de se preocupar com sua opinião.

Jorge continuava com o pensamento de trabalhar, mas de agora em diante procuraria se preocupar com a esposa e cuidar de suas filhas alheias e dos filhos, assim Gínia ficaria mais educada por eles parando de maltratar a empregada, que agora estava satisfeita de que queria entrar para um convento.

BRITAC

DATAPOL

TRANSCRIÇÃO (IPSIS VERBIS)

Uma família muito louca

Em uma casa da cidade grande morava uma família, não era bem uma casa, podemos falar que era uma mansão. A família era grande, porém também viviam lá uma empregada e uma babá.

Jorge e sua esposa Mônica, tiveram três filhos; Pedro, o mais velho e que estava se formando em medicina, Bianca, a filha adolescente e meiga e Júnior, o mais novo da família com três anos de idade, porém já estava muito arteiro. A mãe de Mônica morava junto deles, ficara viúva cedo, ela estava fraca mas gostava de ouvir música. A empregada adorava “funk”, já a babá era religiosa.

Era domingo, e como estavam muito afastados, decidiram fazer algo diferente para aproveitar a família, afinal, Jorge era um empresário e passava a semana inteira ocupado com o serviço, e Mônica vivia nos salões e boutiques da cidade. Resolveram então juntar-se em um jardim para fazer piquenique.

Jorge e Mônica foram na frente para ajeitar as coisas e Bianca esperou para ir com seu irmão Pedro e sua avó. A empregada estava terminando de limpar a casa e a babá estava na igreja com Júnior. Chegando lá, Jorge ficou separando a comida, até que ouviu Mônica gritar:

- AAAAAi, socorro, abelhas!

Então Jorge saiu correndo para ver o que acontecera:

- O que aconteceu com você? Perguntou Jorge.

- Eu estava olhando essas flores e elas me picaram, disse Mônica toda inchada de picadas.

Então, Jorge vendo aquela situação da esposa, ligou para Pedro que veio imediatamente prestar socorros não avisando o pessoal da casa.

Bianca percebendo que estava sozinha aproveitou para encontrar Lucas, um mocinho em que ela estava apaixonada e ele, somente em ingressar na família pelo dinheiro. Assim, sabendo que os pais dela não estavam, fez com que ela o levasse para conhecer o local tão desejado de todos.

Chegando lá, encontraram a empregada dançando funk sobre a poltrona e, enquanto a menina olhava-a, Lucas furtara o celular de Pedro. De repente chegou a babá com Júnior que tentara levantar sua saia longa e dar risada de sua calcinha.

- Meu Senhor Jesus Cristo, o que deu em você para ser tão Santa, disse a empregada e logo saiu.

- Quem é este rapaz, mocinha? Perguntou a babá.

- Ah, é amigo meu, disse a adolescente.

- Amigo seu? Pode ir se despedindo então, pois seus pais estão nos esperando. No mesmo momento Pedro chegou e de ter olhado tão feio para Lucas, fez com que este fosse embora.

- Se eu pegar você com esse rapaz mais uma vez, eu não me responsabilizo, disse Pedro todo furioso, afinal, já o conhecia uma vez em que estava junto dele quando experimentou drogas na faculdade, mas já conseguira se recuperar do vício. E sabendo que esse Lucas era um dos que mais usava, deixou claro à Bianca de que não queria mais vê-lo.

- Você é um chato! Disse Bianca não sabendo da situação.

- Vamos logo então todos vocês, a mãe levou umas picadas de abelha, mas já está se recuperando, tragam a vovó, disse Pedro e todos foram a caminho.

Chegando lá, a vovó foi logo se sentando com seu radinho de pilha ouvindo seu tipo de música, e todos começaram a comer, a babá rezava fielmente, a empregada usava fones de ouvido, a família estava reunida, Bianca saiu dizendo que iria dar uma volta, até que Pedro notou a falta de seu celular e voltou para a casa buscar.

Não encontrou em lugar algum, suspeitando de Lucas saiu em busca dele, mais o que ele não sabia era que Bianca havia combinado de se encontrarem no jardim.

Lucas, ainda com intenções gananciosas, chamou Bianca para levá-lo a casa dela novamente, afinal ele não conseguiu vê-la inteira, e a menina inocente aceitou.

À caminho da casa, encontraram Pedro, que ao vê-los foi para cima do rapaz. A polícia coincidentemente parou e os levou à delegacia.

Bianca foi correndo chamar sua família no jardim e todos foram para a delegacia, até mesmo a avó. Lá, os policiais recolheram Lucas, que além de usuário, traficava drogas e o mandou à prisão.

Como Pedro era filho de Jorge, o empresário, foi solto imediatamente, e Bianca quando soube da história ficou depressiva.

Então todos voltaram para a casa e dormiram. No dia seguinte, a empregada apareceu com a novidade de que iria trabalhar no melhor baile funk da cidade durante a noite.

Enfim, depois de tudo, Mônica aprendeu a dar mais valor em seus filhos, afinal, Pedro já fora viciado um dia. E agora começar um tratamento para Bianca que estava depressiva, além de educar Júnior, parando então de se preocupar com sua aparência.

Jorge continuava com o pensamento de trabalhar, mas de agora em diante procurava se preocupar com a esposa e cuidar de suas reações alérgicas e dos filhos, assim Júnior foi sendo mais educado por eles parando de maltratar a empregada, que agora estava certa de que queria entrar para um convento.

Análise das redações 1 e 2:

Vamos destacar os adjetivos encontrados na primeira redação:

- (1) Muito **bonito**
- (2) Tipo **aventureira**
- (3) Muito **bem**
- (4) Sendo **louca**
- (5) **Pequena** família
- (6) Avó **desajeitada**
- (7) Cara **inchada**
- (8) Pernas **roxas**
- (9) **Muita** música
- (10) Montanha **russa**
- (11) Estava **alegre**
- (12) Mais **gostoso**
- (13) Mais **surpreendente** e **interessante**
- (14) Muito **especial**

Em (1), (2), (3), (9), (12), (13) e (14) são adjetivos que qualificam o substantivo, todos pospostos do substantivo, exceto em (9) que vem anteposta do substantivo, a palavra ‘muita’ nesse caso, dá ênfase a quantidade ao substantivo, assim as repetições em ‘muito’ e ‘muita’ geram um ritmo ao texto, valorizando os substantivos. Em (12) e (13) ambos definem o aniversário de forma positiva.

Em (4) e (5) são dois adjetivos que remetem a família, só que em (5) ele é anteposto ao substantivo ‘família’, trazendo uma carga semântica maior, já em (4) vem posposto ao substantivo ‘família’, ambas caracterizam a família de maneira humilde, extrovertida.

Em (6) e (8) são adjetivos que caracterizam a personalidade e o físico da avó, também vem posposto ao substantivo, passando uma linguagem mais objetiva.

Em (7) o adjetivo descreve como se encontrava o rosto do menino de sono, vindo posposto ao substantivo cara, deixando a informação mais clara. Já em (11), o adjetivo refere-se ao pai do menino, descrevendo como era a situação em que se encontrava bêbado. Em (10) o adjetivo ‘russa’ é resultante do conhecimento do enunciador. O adjetivo é descriptivo, pois estabelece uma descrição/informação do substantivo montanha que vem anteposto do adjetivo.

Já na segunda redação, encontramos um número maior de adjetivos, pois os alunos estavam cientes de que teriam que inseri-los no texto. Abaixo os adjetivos destacados:

- (1) Cidade **grande**
- (2) Família era **grande**
- (3) Pedro, o mais **velho**
- (4) A filha adolescente e **meiga**
- (5) Júnior, o mais **novo**
- (6) Muito **arteiro**
- (7) Estava **fraca**
- (8) Babá era **religiosa**
- (9) Toda **inchada**
- (10) Mocinho **viciado**
- (11) Local tão **desejado**
- (12) Saia **longa**
- (13) Tão **Santa**
- (14) Tão **feio**
- (15) Todo **furioso**
- (16) Intenções **gananciosas**
- (17) Menina **inocente**
- (18) Ficou **depressiva**
- (19) Reações **alérgicas**
- (20) Mais **educado**

Em (1) e (2) o adjetivo ‘grande’ faz uma referência de dimensão, amplitude tanto em ‘cidade’ quanto em ‘família’, palavras substantivas que estão antepostas do adjetivo, deixando a linguagem mais objetiva. Do (1) ao (20) todos os adjetivos são pospostos do substantivo.

Em (7), (9), (10), (14), (15), (16), (18) e (19) são adjetivos de valores negativos que intensificam as expressões do enunciador, estes adjetivos remetem as personagens da narrativa.

Em (3), (4), (5), (8), (17), (20) estes são adjetivos que caracterizam/descrevem as personagens durante o enredo, como eles são fisicamente, psicologicamente ou o que realmente são.

Em (6) o adjetivo refere-se ao menino mais novo, ‘arteiro’ segundo a opinião, o sentimento do enunciador. Em (11) o adjetivo é exposto de forma positiva respectivo ao lugar, em (12) o adjetivo caracteriza a saia da empregada e em (13) ‘santa’ gera um motivo de provocação que a empregada faz a menina.

ALUNO B - REDAÇÃO 1

Redação 1

Uma família muito louca

Em um domingo de muito sol, estávamos indo para um lugar que sempre gostava muito.

Minha família estava toda eufórica, me acordaram as seis e meia da manhã, acreditam?

Bem, estar aqui falando sobre o início do meu dia favorito é nem tive tempo de me apresentar, sou Pedro aventureiro e o porque desse nome vocês irão descobrir ao decorrer de minha história.

Após horas e horas, chegamos ao lugar tão desejado e era simplesmente no meio do nada, uma mata, mais precisamente. Montamos uma barraca enorme, quase do tamanho de minha própria casa!

A noite caiu e logo casas estranhas, como sempre começaram a acontecer é claro que minha família não podia ficar fora dessa. Eu era o mais entusiasmado de todos os meus irmãos, então meu pai concordou que fosse na frente do grupo em busca de aventuras.

A correria era certa, cada passo que davamos era uma nova descoberta. Mula-pen-cabeça, Saci-Pereí e tantos outros personagens de histórias infantis

que jamais achamos que fossem reais.
 - O que é isso? disse mamãe assustada.
 - É uma onça? disse minha irmã mais velha quase gritando.
 - Não é nada disso! replicou papai.
 - É um Curupira! disse encantado mesmo com muito medo, ficamos felizes por ver coisas que jamais pensamos que fossem reais podiam existir. Esse foi o primeiro dia de nossas aventuras e eu estou ansioso para ver o segundo dia. Já podem imaginar?

TRANSCRIÇÃO (IPSIS VERBIS)

Uma família muito louca

Em um domingo de muito sol, estávamos indo para um lugar que sempre gostava muito.

Minha família estava toda eufórica, me acordaram as seis e meia da manhã, acreditam?

Bem, estar aqui falando sobre o início do meu dia favorito e nem tive tempo de me apresentar, sou Pedro aventureiro e o porque desse nome vocês irão descobrir ao decorrer de minha história.

Após horas e horas, chegamos ao lugar tão desejado e era simplesmente no meio do nada, uma mata, mais precisamente. Montámos uma barraca enorme, quase do tamanho de minha própria casa!

A noite caiu e logo casas estranhas como sempre começaram a acontecer é claro que minha família não podia ficar fora dessa. Eu era o mais entusiasmado de todos os meus irmãos, então meu pai concordou que fosse na frente do grupo em busca de aventuras.

A correria era certa, cada passo que davamos era uma nova descoberta. Mula-sem-cabeça, Saci-Pererê e tantos outros personagens de histórias infantis que jamais achamos que fossem reais.

- O que é isso? disse mamãe assustada.
- É uma onça? disse minha irmã mais velha quase gritando.
- Não é nada disso! repetiu papai.
- É um Curupira! Disse encantado.

Mesmo com muito medo, ficamos felizes por ver que coisas que jamais pensamos que fossem reais poderiam existir. Esse foi o primeiro dia de nossas aventuras e eu estou ansioso para ver o segundo dia. Já podem imaginar?

ALUNO B - REDAÇÃO 2

Redação 2

Uma família muito louca

O dia estava lindo, as nuvens pareciam algodão, e o sol? Ah! o sol, que parecia que foi pintado por um grande pintor, estava nôrme e muito amarelinho. Era um dia perfeito para um passeio com a melhor família do mundo!

Antes de tudo, sou Pedro aventureiro e essa é a minha história e o porque desse nome, você cara leitor irá descobrir! Meu pai era o famoso pão caçador, o melhor em caçar coisas que não eram muito comum pra as pessoas, minha mãe era Joana Cabana, era a mais ágil de todos em minha pequena idade para montar cabanas que mais pareciam casas de verdade e por fim minha querida e doce irmãzinha Ipira, ela ainda não descobriu o que sabe fazer de melhor, mas com certeza depois desse passeio em família, ela irá saber.

Entramos no carro e papai logo disse:

- Este vai ser o melhor passeio de todos.
- Ah, comprei a cabana maior do que as outras, irá parecer uma mansão, repetiu, magra com os olhos brilhantes.
- Minha família era a mais animada de todos, a melhor pra ser exato.

J. R. FATAO

DATAPEL

Chegamos ao nosso destino e era simplesmente no meio do nada, uma floresta cheia de mistérios e também de grandes descobertas.

Mamãe estava eufórica e logo montou a cabana sozinha em cinco minutos! Eu disse que ela era a melhor, né?

— Mamãe, que lindo! É a cabana maior, linda e colorida que já vi em toda minha vida. Disse Dora sorrindo.

Papai nos apressou e disse que esta era a noite que nós veríamos coisas que jamais imaginamos, pensaram em minha empolgação? Tu noite era de verão, o céu estava estrelado e o calor era imenso!

Adorávamos aventuras, isso vocês leitores já poderam perceber, minha família era a mais comentada de todas a cidade, diziam que eramos magucos, vê se pode isso? Pois bem, a noite já havia caído e eu logo apressei meu pai para irmos logo ao encontro das melhores histórias que alguém poderia contar.

— Vamos papai, não aguento mais ficar esperando. Repeti com um tom de empolgação misturado de alegria e também pra falar a verdade, um pouco de medo.

Saimos em busca das aventuras e logo avistei os primeiros indícios

DATAPEL

de coisas sobrenaturais. Era uma pegada no chão, mas não simplesmente uma pegada de uma onça, mas sim de um Curupira. Continuamos nossa caminhada, cada passo que davaímos era uma nova aventura, mula-sen-cabeça, gato de bretas, lobisomem, Daci-Pereira e tantos outros personagens de histórias infantis que jamais poderíamos imaginar que existissem.

Esta foi a melhor noite de minha vida, pensando bem, foi a melhor noite até nossa outra aventura. Minha irmã descobriu o que mais gostava de fazer, conversar com os animais, acreditam?

Tudo foi perfeito, nossas aventuras eram imagináveis e ainda há aqueles que ainda dizem que somos malucos e você aí for também acredita?

LEIA TAMBÉM

DATAPEL

TRANSCRIÇÃO (IPSIS VERBIS)

Uma família muito louca

O dia estava lindo, as nuvens pareciam algodão, e o sol? Ah! o sol, que parecia que foi pintado por um grande pintor, estava enorme e muito amarelinho. Era um dia perfeito para um passeio com a melhor família do mundo!

Antes de tudo, sou Pedro aventureiro e essa é a minha história e o porque desse nome, você caro leitor, irá descobrir! Meu pai era o famoso João Caçador, o melhor em caçar coisas que não eram muito comum para as pessoas, minha mãe era Joana Cabana, era a mais ágil de todos em minha pequena cidade para montar cabanas, que mais pareciam casas de verdade e por fim minha querida e doce irmãzinha Dora, ela ainda não descobriu o que sabe fazer de melhor, mas com certeza depois desse passeio em família, ela irá saber.

Entramos no carro e papai logo disse:

- Este vai ser o melhor passeio de todos.

- Ah, comprei a cabana maior do que as outras, irá parecer uma mansão, repetiu mamãe com os olhos brilhantes.

Minha família era a mais animada de todas, a melhor pra ser exato. Chegamos ao nosso destino e era simplismente no meio do nada, uma floresta cheia de mistérios e também de grandes descobertas.

Mamãe estava eufórica e logo montou a cabana sozinha em cinco minutos! Eu disse que ela era a melhor, né?

- Mamãe, que lindo! É a cabana mais linda e colorida que ja vi em toda minha vida. Disse Dora sorrindo.

Papai nos apressou e disse que esta era a noite que nós veríamos coisas que jamais imaginamos, pensaram em minha empolgação? A noite era de verão, o céu estava estrelado e o calor imenso!

Adorávamos aventuras, isso vocês leitores já puderam perceber, minha família era a mais comentada de toda a cidade, diziam que éramos malucos, vê se pode isso? Pois bem, a noite já havia caído e eu logo ao encontro das melhores histórias que alguém poderia contar.

- Vamos papai, não aguento mais ficar esperando. Repeti com um tom de empolgação misturado de alegria e também pra falar a verdade, um pouco de medo.

Saímos em busca das aventuras e logo avistei os primeiros indícios de coisas sobrenaturais. Era uma pegada no chão, mas não simplesmente uma pegada de uma onça, mas sim de um Curupira. Continuamos nossa caminhada, cada passo que dávamos era uma nova aventura, mula-sem-cabeça, gato de botas, lobisomem, Saci-Pererê e tantos outros personagens de histórias infantis que jamais poderíamos imaginar que existissem.

Esta foi a melhor noite de minha vida, pensando bem, foi a melhor noite até nossa outra aventura. Minha irmã descobrira o que mais gostava de fazer, conversar com os animais, acreditam?

Tudo foi perfeito, nossas aventuras eram imagináveis e ainda há aqueles que ainda dizem que somos malucos e você leitor também acredita?

Análise das redações 1 e 2:

Na redação 1 encontramos alguns adjetivos, abaixo destacaremos:

- (1) Família **eufórica**
- (2) Dia **favorito**
- (3) Pedro **aventureiro**
- (4) Barraca **enorme**
- (5) Casas **estranhas**
- (6) Eu era o mais **entusiasmado**
- (7) **Nova** descoberta
- (8) Mamãe **assustada**
- (9) Irmã mais **velha**
- (10) Disse **encantado**
- (11) Ficamos **felizes**
- (12) Estou **ansioso**

Em (1), (6), (8), (9) (10), (11) e (12) são adjetivos que estão pospostos ao substantivo, todos eles aderem uma linguagem mais objetiva do texto, e todos estão se referindo aos integrantes da família: Ao próprio narrador-personagem, a mãe, o pai e a irmã. Em (1) o narrador utiliza o adjetivo ‘eufórica’ que se refere de modo geral para toda a família.

Em (2) o adjetivo qualifica o substantivo ‘dia’, motivando o leitor para que continue a ler a história, pois muitas ações virão pela frente. Em (3) ‘aventureiro’ supostamente pode ser o apelido de Pedro, mas o contexto evidencia de forma clara a subjetividade contida nele, pois durante a narrativa teremos vários argumentos que identificaram que Pedro realmente é aventureiro no sentido de curtir os momentos que passa com a família, portanto consideramos essa palavra um adjetivo.

Em (4) e (5) temos os adjetivos que caracterizam os objetos ‘barraca’ e ‘casas’. Em (7) ‘nova’ é o único adjetivo que em anteposto do substantivo, nova remete no sentido de buscar descobertas diferentes, desvendar outras coisas.

Já na redação 2, o uso de adjetivos possuiu uma maior quantidade:

- (1) O dia estava **lindo**
- (2) Estava **enorme**
- (3) Muito **amarelinho**
- (4) Dia **perfeito**
- (5) **Melhor** família
- (6) Pedro **aventureiro**
- (7) Mais **ágil**
- (8) **Pequena** cidade
- (9) Minha **querida** e **doce** irmãzinha
- (10) **Melhor** passeio
- (11) Cabana **maior**
- (12) Olhos **brilhantes**
- (13) Mais **animada**
- (14) **Grandes** descobertas
- (15) Estava **eufórica**
- (16) Cabana mais **linda** e **colorida**
- (17) Éramos **malucos**
- (18) **Melhores** histórias
- (19) Coisas **sobrenaturais**
- (20) **Nova** aventura
- (21) **Melhor** noite

Em (1), (2), (3), (4), temos adjetivos que caracterizam a natureza de forma positiva, em (5), (10), (18) e (21) são adjetivos repetidos e antepostos ao substantivo, essa repetição cria um efeito semântico, ajudando enfatizar o valor dos substantivos. Em (6) acontece o mesmo caso sobre ‘Pedro aventureiro’ na redação anterior.

Em (11) e (16) os adjetivos ‘maior’, ‘linda’ e ‘colorida’ qualificam a cabana que Joana Cabana montava. Em (7), (9), (12), (13), (15), (17) são adjetivos que dão características aos personagens da narrativa.

Em (8) e (14) os adjetivos vem anteposto do substantivo, trazendo uma marca maior de subjetividade. Os adjetivos nesse caso descrevem trabalham com a dimensão. Em (16) os dois adjetivos ‘linda’ e ‘colorida’ remetem a cabana, a caracterizam de forma positiva. Em (19) ‘sobrenaturais’ é um adjetivo posposto que caracteriza as coisas que os personagens puderam ver durante a aventura. E em (20) o adjetivo ‘nova’ vem anteposto do substantivo ‘aventura’ cria um sentido de que outras aventuras estão por vir.

ALUNO C - REDAÇÃO 1

Redação 1:

Uma família muito louca

Numa tarde de domingo, como de costume, fui passear no jardim central da cidade, mas dessa vez resolvi mudar o trajeto. Emboquei-me numa ruazinha estranha, onde lá no fim havia uma casa diferente, a qual chamei minha atípica. Como estava longe, não dava para ver os detalhes da casa, então fui caminhando até chegar bem perto, e quando cheguei, vi que realmente ela era exótica, colorida de ponta a ponta. Por curiosidade, decidi tocar a campainha para ver se saia alguém dela, e de repente viu um homem vestido de palhaço, o qual abriu o portão me convidando para conhecê a casa e sua história de vida. Cisceu o convite, e enquanto entrava na casa, ele me disse:

- Olá, me chamo Maurício, você deve estar achando tudo muito estranho, mas isso te contar a minha história. Primeiramente, como você se chama?

- Olá Maurício, me chamo Lucas, realmente acho muito estranho, você mora sózinho aqui?

- Não, moro com minha esposa e dois filhos, nós todos fizemos o mesmo trabalho, o nosso objetivo é animar as pessoas que estão com algum problema de saúde, e algevar os vizinhos, trazemos algumas delas para nossa casa, e, fazemos uma festa bastante animada. Minha esposa foi com meus filhos opa a praia no agito municipal, fui destruindo elas.

- Que legal, ótimo trabalho o de vocês.

Logo depois da nossa conversa a família dele chegou. Todos eram muito animados, faziam piadas, palhaçadas e brincadeiras. Fiquei muito feliz, pois me convidaram para

JURAPAF

DATAPESL

fazer parte do grupo, e de cara acitu, já que estava desempregado. Não acitou por dinheiro, pois não ganhava muito, mas com o seu ter me interrompido pelo trabalho. Para eu iniciar as atividades, fiz um teste no Hospital Infantil de Câncer, me apaixonei ainda mais pelo trabalho, só que me dei bem. Carta, a esposa de Maurício, me disse: - Parabéns! Você se saiu muito bem, está oficialmente convocado para fazer parte da nossa família muito louca. - Aliviado, estou muito feliz, família louca, mas nova loucura que fiz o bem, e esta loucura é finta para conseguir tirar bem o ronco das pessoas, mesmo estando numa situação complicada.

Depois dessa grande surpresa em minha vida, vi que valia a pena ter entrado numa sua desconhecida, onde por curiosidade minha vida passou a ter um novo sentido, não há coisa melhor do que conseguir tirar um ronco, muitas carinhas e exatas numa vida fargalhada.

ESCRITOR

DATAPEL

TRANSCRIÇÃO (IPSIS VERBIS)

Uma família muito louca

Numa tarde de domingo, como de costume, fui passear no jardim central da cidade, mas dessa vez resolvi mudar o trajeto. Enboquei-me numa ruazinha estranha, onde lá no fim havia uma casa diferente, a qual chamou minha atenção. Como estava longe, não dava para ver os detalhes da casa, então fui caminhando até chegar bem perto, e quando cheguei, vi que realmente ela era esquisita, colorida de ponta a ponta. Por curiosidade, decidi tocar a campainha para ver se saia alguém dela, e de repente saiu um homem vestido de palhaço, o qual abriu o portão me convidando para conhecer a casa e sua história de vida. Aceitei o convite, e enquanto entrava na casa, ele me disse:

- Olá, me chamo Maurício, você deve estar achando tudo muito estranho, mas vou te contar a minha história. Primeiramente, como você se chama?

- Olá Maurício, me chamo Lucas, realmente achei muito estranho, você mora sozinho aqui?

- Não, moro com minha esposa e dois filhos, nós todos fazemos o mesmo trabalho, o nosso objetivo é animar as pessoas que estão com algum problema de saúde, e algumas vezes, trazemos algumas delas para a nossa casa, e, fazemos uma festa bastante animada. Minha esposa foi com meus filhos agora pouco no azilo Municipal, já devem estar chegando.

- Que legal, ótimo trabalho o de vocês.

Logo depois da nossa conversa a família dele chegou. Todos eram muito animados, faziam piadas, palhaçadas e brincadeiras. Fiquei muito feliz, pois me convidaram para fazer parte do grupo, e de cara aceitei, já que estava desempregado. Não aceitei por dinheiro, pois não ganhavam muito, mas sim por ter me interessado pelo trabalho. Para eu iniciar as atividades, fiz um teste no Hospital Infantil de Câncer, me apaixonei ainda mais pelo trabalho, até que me dei bem. Carla, a esposa de Maurício, me disse:

- Parabéns! Você se saiu muito bem, está oficialmente convocado para fazer parte da nossa família muito louca.

- Obrigado, estou muito feliz, família louca, mas uma loucura que faz o bem, e esta loucura é feita para conseguir tirar um sorriso das pessoas, mesmo estando numa situação complicada.

Depois dessa grande surpresa em minha vida, vi que valeu a pena ter entrado numa rua desconhecida, onde por curiosidade minha vida passou a ter um novo sentido, não há coisa melhor do que conseguir tirar um sorriso, receber carinhos e escutar uma bela gargalhada.

ALUNO C - REDAÇÃO 2

Redação 2:

Uma família muito louca

Em uma cidade chamada Bela Vista, havia uma pequena família, a qual tinha uma vida muito estranha, diferente da que estamos acostumados a ver. Elas moravam num grande pé de iguapeí, numa casa feita toda de madeira, não muito grande, mas o suficiente para abrigar os quatro integrantes da família, formada pelo pai, mãe e duas filhas.

Todos os dias pela manhã, o pai, chamado Jorges, saia de casa com seu carro todo colorido para levar as filhas à escola. Os moradores da cidade achavam, de início, que a família era muito louca, feia de comum, mas com o tempo todos estavam acostumados com o modo de vida delas. A mãe, chamada Lúcia, vendia doces na cidade. Com um carrinho levado à mãe, ela animava as ruas da pequena Bela Vista com suas cantorias divertidas, para atrair os moradores. Ela vestia ia fantasiada para vestir as crianças do orfanato e da creche, e nessas vestes levava muitos doces e fazia diversas brincadeiras para que as crianças pudessem se divertir junto a ela.

Quando as filhas não tinham nada para fazer, ajudavam o pai a cuidar das belas flores que ele cultivava em seu imenso e maravilhoso jardim que ficava em torno da casa. As belas flores eram vendidas na feira da praça central e os filhos de olhar, ganhavam um item d'água, pois as flores eram cobradas por todos.

A família levava uma vida muito agitada, mas era o que elas gostavam, viviam sempre de

ESTRADA

DATAPOL

Bem com a vida e foram adorados por todos os moradores da cidade.

.DATAPEL

TRANSCRIÇÃO (IPSIS VERBIS)

Uma família muito louca

Em uma cidade chamada Bela Vista, havia uma pequena família, a qual tinha uma vida muito estranha, diferente da que estamos acostumados a ver. Eles moravam num grande pé de jequitibá, numa casa feita toda de madeira, não muito grande, mas o suficiente para abrigar os quatro integrantes da família, formada pelo pai, mãe e duas filhas.

Todos os dias pela manhã, o pai, chamado Jorge, saia de casa com seu carro todo colorido para levar as filhas à Escola. Os moradores da cidade achavam, de início, que a família era muito louca, fora do comum, mas com o tempo todos estavam acostumados com o modo de vida deles. A mãe, chamada Lúcia, vendia doces na cidade. Com um carrinho levado à mão, ela animava as ruas da pequena Bela Vista com suas cantorias divertidas, para atrair os moradores. As vezes ia fantasiada para visitar as crianças do orfanato e da creche, nessas visitas levava muitos doces e fazia diversas brincadeiras para que as crianças pudesse se divertir junto à ela.

Quando as filhas não tinham nada para fazer, ajudavam o pai a cuidar das belas flores que ele cultivava em seu imenso e maravilhoso jardim que ficava em torno da casa. As belas flores eram vendidas na feira da praça central aos finais de semana, ganhavam um bom dinheiro, pois as flores eram cobiçadas por todos.

A família levava uma vida muito agitada, mas era o que eles gostavam, viviam sempre de bem com a vida e eram adorados por todos os moradores da cidade.

Análises das redações 1 e 2:

Na primeira redação destacamos os seguintes adjetivos:

- (1) **Jardim central**
- (2) **Ruazinha estranha**
- (3) **Casa diferente**

- (4) Ela era **esquisita, colorida**
- (5) Muito **estranho**
- (6) Festa bastante **animada**
- (7) Muito **louca**
- (8) Muito **feliz**
- (9) **Grande** surpresa
- (10) Rua **desconhecida**
- (11) **Novo** sentido
- (12) **Bela** gargalhada

Em (1), (2), (3), (4) e (10) são adjetivos que caracterizam, ou seja, descrevem o espaço onde se situa a narrativa, informando o leitor de cada detalhe, como era a rua, qual era o jardim e como era a casa.

Em (7) e (8) são dois adjetivos em que o primeiro ‘louca’ refere-se a família, qualificando-a de forma totalmente extrovertida, e ‘feliz’ está ligado a autoestima do narrador-personagem em estar participando do grupo que ajudam as pessoas necessitadas da cidade.

Em (5) ‘estranho’ é o adjetivo que se refere ao fato da situação, do desenrolar das ações que estão acontecendo na narrativa. Em (6) ‘animada’ refere-se a festa que eles faziam para as pessoas que freqüentavam a casa, esse adjetivo qualifica o ambiente. Em (9) ‘grande’ ganha sentido de adjetivo pelo fato da dimensão da surpresa, isso gera uma valorização no substantivo. Em (11) ‘novo’ é o adjetivo que se relaciona a vida do enunciador que agora mudou pra melhor, também qualifica de forma positiva. E em (12) ‘bela’ é um adjetivo que caracteriza a gargalha de forma agradável, lembrando que em (9), (11) e (12) os adjetivos são antepostos ao substantivo, que tendem a criar uma linguagem mais subjetiva.

Já na segunda redação, destacamos os seguintes adjetivos:

- (1) **Pequena** família
- (2) Muito **estranha**
- (3) **Grande** pé de jequitibá

- (4) Carro todo **colorido**
- (5) Muito **louca**
- (6) **Pequena** Bela Vista
- (7) Cantorias **divertidas**
- (8) **Diversas** brincadeiras
- (9) **Belas** flores
- (10) **Imenso** e **maravilhoso** jardim
- (11) Praça **central**
- (12) **Bom** dinheiro
- (13) Muito **agitada**

Em (3) e (10) temos os adjetivos ‘grande’ que tem a função de dimensão, enorme, no caso remete ao pé de jequitibá e o ‘imenso’ e ‘maravilhoso’ jardim (que são os dois pontos de referência de onde os personagens moravam), lembrando que ‘grande’, ‘imenso’ e ‘maravilhoso’ vem antepostos do substantivo, fazendo com que a linguagem venha a ser mais subjetiva.

Em (6) e (11) temos os adjetivos que especificam os espaços da narrativa, descrevendo o local. Em (1), (2), (5) e (13) estes adjetivos se referem a família, atribuindo-lhes características e personalidades.

Em (4) temos o adjetivo ‘colorido’ que faz referência ao carro do Jorge, podemos dizer que é um adjetivo descritivo, pois está informando para o leitor como é o carro do personagem. Em (7) e ‘divertidas’ esse adjetivo se refere as cantorias, está empregada de forma positiva na narrativa. Em (8) temos o adjetivo ‘diversas’ que se vincula ao substantivo ‘brincadeiras’, esse adjetivo tem a função de criar uma ênfase à intensidade dos substantivos.

Em (9) e (12) são dois adjetivos antepostos que qualificam os substantivos ‘flores’ e ‘dinheiro’, com um efeito de sentido que tende a ser subjetivo. Todos esses adjetivos criam força argumentativa dentro da narrativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que os adjetivos quando presentes nos textos possuem um efeito de sentido subjetivo ou objetivo se relacionando com a linguagem. No posicionamento do adjetivo pudemos observar que quando ele está anteposto ao substantivo, a tendência da linguagem é que fique mais subjetiva, ou seja, os sujeitos no texto irão despertar suas expressões, seus sentimentos, as emoções do ‘eu’ e quando tivermos o adjetivo posposto ao substantivo, a subjetividade perde a força e então a linguagem tende a ficar mais objetiva, ou seja, mais informativa, específica.

O que devemos ressaltar neste capítulo é a importância do professor trabalhar essa teoria e prática com os alunos. É muito importante que o professor auxilie, oriente, avalie as produções textuais dos alunos. Neste trabalho, focamos a subjetividade e a objetividade presente nos textos, inserindo o uso dos adjetivos comprovando que ele é um recurso que cria o efeito de subjetividade, mas há outros recursos que também criam tal efeito, como o discurso direto, a interjeição, a ambigüidade, entre outros.

O adjetivo também é um grande recurso argumentativo no texto quando bem empregado, pois defende o ponto de vista do enunciador. Além do mais, detalha, nos informa, descreve, compara e também convence.

Os alunos tiveram ótimos desempenhos nas redações. Todos eles na segunda redação aplicaram ainda mais o uso de adjetivos, ou seja, tivemos uma quantidade maior e com isso as redações automaticamente passaram a ter uma melhor qualidade. Também aprenderam sobre as estruturas do gênero narrativo, é certo concluirmos que a intervenção ajudou-os no desenvolvimento das produções textuais.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Roberto Cesar. **Ideologia e persuasão.** 2003. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Faculdades Integradas Fafibe, Bebedouro SP, 2003.
- BARBOSA, Severino A. M. **Redação: Escrever é desvendar o mundo.** 16.ed. Campinas: Papirus, 1991.
- BRANDÃO, Helena H. N. **Introdução à análise do discurso.** 2.ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993.
- CASULA, Kelly G. **A subjetividade em textos escolares de opinião: uso de adjetivos.** 2010. Monografia de Graduação (Curso de Licenciatura em Letras - Espanhol), Faculdades Integradas Fafibe, Bebedouro-SP, 2010.
- CONTERATTO, Gabriela Betania Hinrichs. **Adjetivos: uma representação linguístico-computacional.** 187 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, PUCRS. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://www.pucrs.br/research/salao/2008-IXSalaoIC/index_files/main_files/trabalhos_mostra/letras/62447.pdf>
- DA SILVA, Ademar. **A ordem dos adjetivos em grupos nominais: uma questão sintático semântica e discursiva.** Calidoscópio, v.6, n.3, set./dez. 2008. Unisinos, 2008, p.134 – 141. Disponível em: <<http://www.unisinos.br/publicacoescientificas/imagens/stories/pdfs-calidoscopio/vol3n3/134a141-art02-silva.pdf>>
- GANCHO, Cândida V. **Como analisar narrativas.** 4.ed. Ática: São Paulo, 1997.
- GUARIGLIA, Rinaldo. As marcas da intersubjetividade no/do texto dissertativo escolar. In: _____. **A intersubjetividade do discurso dissertativo escolar.** 1997. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa), Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara — UNESP – Universidade Estadual Paulista, Araraquara-SP, 1997
- HERNANDEZ, Fábio. **Homem não chora.** VIP. São Paulo: Ed. Abril. Dez. 2005, p.186.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. In: _____; BENTES, Anna C. **Introdução à linguística 2: domínios e fronteiras.** 4.ed. São Paulo: Cortez, 2004, p. 191-142.

NEGRÃO, Esmeralda Vailati. **Redações no vestibular: utilização do léxico: estudo dos adjetivos.** Fundação Carlos Chagas. Caderno de Pesquisa/23. 1977. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/401.pdf>

SACCONI, Luiz Antonio. **Nossa Gramática: Teoria e Prática.** 26. ed. São Paulo: Atual Editora, 2001.

SALES, Suelen. **A ordem dos adjetivos no discurso midiático: séculos XIX e XX.** Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2006, 202 fls. Mimeo. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/SilvaSS.pdf>

SCHNEIDER, Fernanda. **A força argumentativa polifônica do adjetivo nas produções textuais dos alunos.** Tese (Mestrado em Letras) - Universidade de Passo Fundo. 2009. p. 1-17. Disponível em: <www.letramagna.com/forcaargumentativapolifonica.pdf